



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Experiências de Surf diferenciadas; Perceção de técnicos e atletas experientes
Marco Rui Miranda Gonçalves Areias

2025



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Experiências de surf diferenciadas

Perceção de técnicos e atletas experientes

Marco Rui Miranda Gonçalves Areias



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO**

Marco Rui Miranda Gonçalves Areias | Aluno n.º 19818

Experiências de surf diferenciadas;
Perceção de técnicos e atletas experientes

Mestrado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento
Turismo / Turismo, Inovação e Desenvolvimento

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor(a) Doutor(a) Alexandra Correia

Janeiro de 2025

Agradecimentos

À Professora Alexandra Correia, pelo apoio incondicional, energia e contributos na realização do presente projeto.

A todos os técnicos e atletas que se disponibilizaram para a realização das entrevistas.

À minha família e amigos que pacientemente compreenderam a minha falta de disponibilidade para partilhar momentos importantes.

À comunidade surfista, aos oceanos e às ondas por todos os momentos que me proporcionaram.

À Fundação do Desporto pelo apoio concedido.

Ao Surf Clube de Viana por todas as experiências e oportunidades.

Resumo

Nas últimas décadas, o surf tornou-se um fenómeno mundial a nível desportivo e turístico, à medida que as popularidades globais das experiências de surf aumentaram, o turismo de surf despertou um maior interesse quer académico quer económico, no crescimento do fenómeno, estabelecendo-se como um segmento de mercado em expansão exponencial. O turismo de surf, através da exposição a espaços azuis, está relacionado com o turismo ativo, costeiro e com atividades recreativas que oferecem significativos benefícios sociais, económicos, ambientais e bem-estar, mental e físico. O turismo comercial de surf levou ao desenvolvimento de empresas e operadores especializados, colocou territórios no mapa global devido à sua localização geográfica e criou oportunidades de emprego, sinergias e *networking*. Apesar dos benefícios, também são reconhecidos conflitos e impactos negativos, o aumento dos preços locais, emprego precário, desigualdades na distribuição de riqueza, ou a produção de lixo e resíduos sólidos, impactos na flora e na fauna locais devido ao pisoteio nas dunas ou à invasão de áreas de nidificação de aves, entre outros. Assim, em resposta ao crescimento exponencial do turismo de surf e consequentes impactos sociais, económicos e ecológicos associados ao modelo convencional, surgem vários desafios e preocupações, com o campo do turismo de surf sustentável a emergir, com o objetivo de o promover com uma estratégia de desenvolvimento sustentável nos destinos de surf.

Alinhar o desenvolvimento do turismo de surf com a preservação e sustentabilidade dos recursos naturais e das economias locais implica uma consideração cuidadosa da gestão territorial, dos impactos sociais e económicos, da proteção do património cultural e das consequências ambientais. Estruturar os destinos em relação à segurança, conservação ambiental e das comunidades locais, integrar o fenómeno turístico de acordo com a cultura desportiva do surf, ancestral e de natureza pró-ativa na conservação ambiental e cultural.

Neste contexto, surfistas e técnicos experientes que viajam frequentemente para destinos de surf de classe mundial podem contribuir com informações valiosas e identificar melhores práticas para o turismo de surf, permitindo que os destinos acomodem as necessidades dos surfistas de forma eficaz. No surf competitivo, os papéis dos atletas e dos treinadores entrelaçam-se perfeitamente, mas permanecem distintos, os atletas enfrentam os desafios físicos e mentais imediatos das ondas, enquanto os treinadores

oferecem orientação estratégica e apoio a partir da costa. Enquanto isso, os organizadores orquestram meticulosamente a logística das viagens; os diretores técnicos avaliam meticulosamente os locais de competição, infraestrutura, serviços associados, medidas de segurança e disseminação de informações. Assim, partindo da importância de reunir conhecimentos diferenciados e especializados das competências e recursos para alternativas sustentáveis no turismo de surf, este estudo defende que as percepções destes atletas e técnicos experientes podem ir além do âmbito desportivo imediato até à comunidade e alcançar o domínio mais amplo do turismo, aproveitando o seu conhecimento especializado e experiência para prever formas de minimizar os impactos negativos e, ao mesmo tempo, promover experiências de surf mais positivas e sustentáveis, para os turistas, para as comunidades, para os operadores e para os governantes.

Abstract

In recent decades, surfing has become a global phenomenon at a sporting and tourist level, as the global popularity of surfing experiences has increased, surf tourism has sparked greater interest, both academic and economic, in the growth of the phenomenon, establishing itself as a market segment in exponential expansion. Surf tourism, through exposure to blue spaces, is related to active, coastal tourism and recreational activities that offer significant social, economic and environmental benefits and mental and physical well-being. Commercial surf tourism has led to the development of specialized companies and operators, put territories on the global map due to their geographic location and created employment opportunities, synergies and networking. Despite the benefits, conflicts and negative impacts are also recognized, such as increased local prices, precarious employment, inequalities in the distribution of wealth, or the production of garbage and solid waste, impacts on local flora and fauna due to trampling on dunes or invasion of bird nesting areas, among others. Thus, in response to the exponential growth of surf tourism and consequent social, economic and ecological impacts associated with the conventional model, several challenges and concerns arise, with the field of sustainable surf tourism emerging, with the aim of promoting it with a strategy sustainable development in surf destinations.

Aligning the development of surf tourism with the preservation and sustainability of natural resources and local economies requires careful consideration of territorial management, social and economic impacts, protection of cultural heritage and environmental consequences. Structure destinations in relation to safety, environmental conservation and local communities, integrate the tourist phenomenon in accordance with the sporting culture of surfing, ancestral and proactive in nature in environmental and cultural conservation.

In this context, experienced surfers and coaches who frequently travel to world-class surf destinations can contribute valuable information and identify best practices for surf tourism, allowing destinations to accommodate surfers' needs effectively. In competitive surfing, the roles of athletes and coaches are seamlessly intertwined, but remain distinct. Athletes face the immediate physical and mental challenges of the waves, while coaches offer strategic guidance and support from the shore. Meanwhile, organizers meticulously orchestrate travel logistics; Technical directors meticulously evaluate competition venues, infrastructure, associated services, security measures and information

dissemination. Thus, based on the importance of gathering differentiated and specialized knowledge of skills and resources for sustainable alternatives in surf tourism, this study argues that the perceptions of these experienced athletes and coaches can go beyond the immediate sporting scope to the community and reach the broader domain of tourism, leveraging its specialized knowledge and experience to envision ways to minimize negative impacts while at the same time promoting more positive and sustainable surfing experiences for tourists, communities, operators and governments.

Índice

Introdução	1
Evolução histórica e cultura do surf.....	5
O surf contemporâneo e a expansão global	8
Surf de competição	9
A cultura do Surf.....	11
Ética no surf	12
O Surf: diferentes perspectivas	16
Eventos desportivos e turismo de surf	17
Turismo desportivo.....	17
Eventos e participação desportiva.....	19
Experiência turística	21
O turismo de surf.....	22
Boas Práticas em Destinos de Turismo de Surf: Exemplos	27
Princípios de Boas Práticas no Turismo de Surf	27
Exemplos de Boas Práticas em Destinos de Turismo de Surf	31
Metodologia	38
Enquadramento da revisão da bibliografia;	39
Técnica e instrumento de recolha de dados.....	41
Desenvolvimento do Inquérito:	42
Entrevistas	46
Procedimento de Recolha de Dados:	53
Seleção da amostra.....	53
Caracterização da amostra.....	55
Apresentação e análise dos dados	58
Conclusão	101
Limitações	102
Referências Bibliográficas	103

I – Lista de abreviaturas

ASP	Associação de Surfistas Profissionais
CAF	<i>Challenged Athletes Foundation</i>
COI	Comité Olímpico Internacional
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
FPS	Federação Portuguesa de Surf
ISA	<i>International Surfing Association</i>
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
SDSU	<i>San Diego State University</i>
STOKE	<i>Sustainable Tourism and Outdoors Kit for Evaluation</i>
VR	<i>Virtual Reality</i>
WSL	<i>World Surf League</i>

II – Lista de figuras

Fig.1	Etiqueta do Surf
Fig.2	Dimensão do mercado mundial da indústria de turismo de surf
Fig. 3	Mercado global do turismo de surf por tipo
Fig. 4	Análise de impacto dos fatores chave no mercado global do turismo de surf
Fig. 5	<i>Understanding and practice of sustainable surf tourism</i>
Fig. 6	Estrutura do desenvolvimento do inquérito
Fig. 7	Distribuição das nacionalidades

III – Lista de tabelas

Tab. 1	Ética no Surf
Tab. 2	Exemplos de boas práticas em destinos de turismo de surf

Introdução

Este projeto pretende contribuir para a reflexão sobre o desenvolvimento do turismo de surf de qualidade na sua componente holística, isto é, para os turistas, comunidades locais e desportistas. A definição base de turismo de surf refere-se às viagens com o objetivo de praticar surf, “surfear”, ou participar em atividades de surf, em destinos onde predominam ondas, elemento fundamental à prática do desporto. Estas atividades são praticadas em complementaridade com um conjunto de condições e serviços adequados, fundamentais à experiência turística, que, na perspetiva de atletas e técnicos de surf, é indispensável ao desenvolvimento e proliferação do desporto e da sua componente turística. “Surfar”, ou participar em atividades de surf evoluiu significativamente ao longo do tempo, impulsionada pela popularidade global do surf e pela aventura das ondas. O surf como desporto de natureza apresenta, nas suas raízes, uma cultura própria devido à preocupação por parte dos praticantes com as questões ambientais e culturais. Para além da componente desportiva, sempre existiu a curiosidade no intercâmbio cultural, na procura e descoberta de novos destinos, novas ondas, novas experiências, conforme documentado por Ponting (2008), em que os primeiros viajantes do surf aventuraram-se em lugares como o Havai, Austrália e, mais tarde, em locais menos descobertos, como a Indonésia e a América Central.

O turismo desportivo de surf envolve pessoas a viajar cuja principal motivação na seleção do destino é a participação em atividades da modalidade, observando, no entanto, que o turismo de surf não inclui necessariamente apenas surfistas, mas também espectadores e outros não surfistas. Segundo Ponting (2008), o uso das palavras ‘turismo de surf’ pode incluir tanto surfistas como espectadores não surfistas que são atraídos pela ação proporcionada pelos surfistas na água ou pela estética visual do ambiente de surf. Nas últimas décadas verificou-se uma explosão da modalidade desportiva, e sobretudo da sua componente turística, associada à proliferação de eventos desportivos de surf a nível mundial e ao enorme impacto mediático verificado, os eventos de surf, os recifes artificiais de surf e a sustentabilidade dos locais de surf e das comunidades anfitriãs estão entre as áreas mais prolíficas em discussão e os principais argumentos incluem a socio economia, a gestão costeira e o turismo sustentável. (Martin & Assenov, 2012).

O turismo de surf tornou-se um motor económico significativo em muitas regiões costeiras. De acordo com Martin e Assenov (2012), fomentou as economias locais através dos gastos em alojamento, alimentação, transporte, aulas de surf e aluguer de equipamentos. Muitas vezes, serve como um catalisador para o desenvolvimento de infraestruturas e serviços em áreas anteriormente subdesenvolvidas, é uma forma significativa do setor turístico e recreativo mundial, envolvendo a interação humana com diversos ambientes costeiros no mar e em terra (Buckley, 2002), e é considerado um dos desportos de ação que mais cresce no mundo e especialmente em Portugal, o surf está a ser considerado não só como um desporto de ação, mas também como uma atividade económica (Bicudo & Horta, 2009).

Apesar dos benefícios verificados e atendendo às especificidades da procura e ao seu crescimento exponencial, levantam-se alguns desafios, nomeadamente como é que se pretende que o turismo de surf se desenvolva. O desafio atual é o desenvolvimento do turismo de surf verificado à luz dos princípios e valores dos seus praticantes e participantes; de preservação e sustentabilidade, gestão do território, impactos sociais e económicos, proteção da herança cultural e dos impactos ambientais.

A sustentabilidade do turismo está a tornar-se um campo de investigação muito importante, uma vez que as atividades turísticas podem causar vários problemas económicos, socioculturais e ambientais (Tanguay, Rajaonson, & Therrien, 2013). Também o turismo de surf tem de lidar com estes problemas, causados pelo crescente interesse dos surfistas locais, turistas e outras partes interessadas nas zonas costeiras (Martin & Assenov, 2014b). O turismo de surf pode ter um impacto muito positivo na economia local de um destino (Hritz & Franzidis, 2018). No entanto, o número crescente de turistas de surf também pode causar aglomeração nos locais de surf (O'Brien & Ponting, 2013). Este aumento de multidões afeta as construções sociais dentro de uma comunidade, que os turistas de surf muitas vezes não compreendem. Isto pode causar situações perigosas e problemas comportamentais entre os surfistas (Buckley, 2002a). Além disso, o turismo de surf impacta o meio ambiente ao causar degradação ambiental (Buckley, 2002). É necessário pensar na sustentabilidade para prevenir influências desfavoráveis e aumentar o valor do turismo de surf para as comunidades locais (Machado, Carrasco, Pinto Contreiras, Duarte, & Gouveia, 2018).

O desenvolvimento do turismo de surf traduziu-se numa alavancagem da procura, diminuição da sazonalidade, potenciou a criação de operadores direcionados, colocou os territórios no mapa devido ao seu enquadramento geográfico, criou oportunidades de emprego, negócios, sinergias e *networking*. Um último desafio para o futuro apresentado nas conclusões é o envolvimento das partes interessadas, o que é muito importante para soluções sustentáveis em torno dos problemas (Byrd, 2007). As partes interessadas do turismo de surf têm dificuldade em reconhecer os impactos negativos, uma vez que beneficiam do turismo de surf, mas ao compreender o raciocínio por detrás das políticas e do desenvolvimento do turismo sustentável, talvez pudessem criar mais compreensão (Byrd, 2007).

Tendo por base este contexto, o presente projeto tem como objetivo principal identificar os aspetos fundamentais para o desenvolvimento de experiências turísticas de surf diferenciadas. A apresentação destes aspetos resulta da análise das perceções de atletas e técnicos, que viajam pelo mundo para participar em competições, treinos, estágios ou simplesmente para conhecer novas ondas e novos destinos, permitindo a obtenção de *inputs* para a criação de experiências de surf diferenciadas. Um dos centros de investigação de referência mundial no desenvolvimento do turismo de surf sustentável tem base na *San Diego State University*, apresentando estudos sobre *Governmentality and surf tourism destination governance* (Mach & Ponting, 2018) e estabeleceu parâmetros científicos para o desenvolvimento de certificações de destinos, operadores e eventos através do STOKES (*Sustainable Tourism and Outdoors Kit for Evaluation*), apresentado na metodologia, a missão do centro de pesquisa e ensino da SDSU inclui fornecer liderança na luta pela sustentabilidade: Criar e disseminar conhecimento especializado para governos, indústria do surf, empreendedores de turismo, comunidades de destino, organizações sem fins lucrativos e turistas; Inspirar e impulsionar o envolvimento ativo das partes interessadas no desenvolvimento social e económico das comunidades de destino, na utilização sustentável dos seus recursos e na conservação dos seus ambientes críticos. (SDSU Centre for Surf Research; Martin & Assenov, 2012).

Por forma a dar resposta ao objetivo principal, foram definidos os seguintes objetivos secundários:

- Apresentar a evolução histórica e a “cultura” do surf;
- Analisar os conceitos de turismo de surf, e relacionar com eventos desportivos e turismo desportivo;
- Identificar os princípios de boas práticas de turismo de surf;
- Apresentar e analisar boas práticas em destinos de referência do turismo de surf;
- Analisar as perceções de técnicos e atletas sobre experiências de surf;
- Avaliar oportunidades e desafios para o desenvolvimento de experiências turísticas diferenciadas.

A metodologia do presente trabalho assenta na revisão da bibliografia para contextualizar os temas em estudo, em particular dos conceitos, evolução histórica, valores e cultura do surf, eventos desportivos e turismo de surf, análise de conteúdo identificando boas práticas em territórios e destinos de referência. Para a obtenção de dados primários foi realizado um inquérito com recurso a entrevistas semiestruturadas a oito técnicos e/ou atletas experientes participantes em eventos desportivos nos últimos dois anos (amostra por conveniência). As entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril de 2024, através da plataforma online *Zoom* e presencial (quando possível). As entrevistas foram analisadas tendo por base uma análise de conteúdo temática.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiramente, e após o capítulo introdutório, é apresentada a revisão bibliográfica, que apresenta informação sobre a evolução histórica e cultura do surf, eventos desportivos e turismo de surf e boas práticas em destinos de turismo de surf, de forma a obter informação e conhecimento sobre a matéria em estudo, compreender o surf, o turismo de surf e os aspetos considerados fundamentais para o desenvolvimento de experiências turísticas de surf, objetivo principal deste projeto. De seguida, é apresentada a metodologia a aplicar e o inquérito. Por fim, são apresentados, analisados e interpretados os dados recolhidos, e respetiva conclusão.

Evolução histórica e cultura do surf

O surf é um desporto com uma atividade cultural de raízes históricas profundas e uma influência global significativa, que envolve a prática de deslizar sobre as ondas com uma prancha de surf, e evoluiu de uma prática cultural ancestral na polinésia para um desporto moderno apreciado em todo o mundo (Finney & Houston, 1996). O surf é geralmente definido como o ato de surfar uma onda do mar em pé sobre uma prancha de surf e inclui amplamente outros aspetos do surf, ou *surfing* nas ondas, como *'bodyboard'* (surfar uma onda deitado sobre uma prancha de *bodyboard*) ou simplesmente *'bodysurf'* (usando apenas a superfície do corpo para planar a onda), entre outras modalidades como o *“Longboard”* (utilizando pranchas de maior dimensão), (Martin et al. Assenov, 2012).

O desporto, nas suas diversas formas, é uma parte significativa da cultura e da sociedade humana, englobando atividades físicas, competições e recreação, no âmbito da Carta Europeia do Desporto o Conselho da Europa define desporto como: “Todas as formas de atividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis” (Conselho da Europa, 2001). O desporto é considerado uma das maiores manifestações culturais desde a antiguidade (Hinch & Ramshaw, 2014). É um fenómeno cultural que integra normas, códigos e símbolos. Compreende processos sociais, rituais e simbólicos, refletindo os valores da sociedade e da cultura (Capretti, 2011), e assume-se, à escala global, como um espetáculo capaz de mobilizar multidões e de fidelizar uma imensa quantidade de espetadores, através da presença ao vivo ou do acompanhamento à distância, via *online* e, muitas vezes, em simultâneo. Com base neste pressuposto considera-se como desportistas, não só o praticante e técnico desportivo, mas também o espectador desportivo. Sendo estes dois grupos os principais clientes atuais do mercado Desporto, seja no consumo de produtos e serviços como na prática de atividades (Guttmann, 2004).

O desporto desempenha um papel crucial no desenvolvimento e coesão social, atua como um meio de promover a saúde física, a interação social e o intercâmbio cultural. O alcance global dos desportos pode ser visto através de eventos como os Jogos Olímpicos e o Mundial da FIFA, que atraem milhões de espectadores e participantes em todo o mundo

(COI, 2020; FIFA, 2023). Além disso, os desportos podem superar divisões culturais e sociais, promovendo um sentido de comunidade e identidade compartilhada (Guttmann, 2004).

O surf é um desporto que personifica a fusão de saúde e natureza, possui uma história rica e diversa que se estende por séculos e continentes. Segundo Finney & Houston (1996, p.82), o surf “não era apenas um desporto, mas também um meio de manter a forma física e a harmonia espiritual com o oceano”. As origens do surf estão profundamente enraizadas na cultura polinésia, particularmente no Havai, onde era praticado pelos habitantes das ilhas já em 1000 d.C. conhecido como "he'e nalu" (deslizar sobre as ondas). O surf era mais do que um passatempo; era uma atividade sagrada profundamente incorporada nas tradições religiosas e sociais. Os chefes havaianos, ou "ali'i", muitas vezes demonstravam a sua destreza e *status* social através das suas técnicas de surf em pranchas feitas que eram consideradas posses preciosas, tal como refere (Walker, 2011, p. 102)., que o surf era uma “prática profundamente enraizada na vida diária e espiritual dos havaianos antigos, simbolizando tanto a habilidade quanto a conexão espiritual com o oceano”.

No antigo Havai, o surf era conhecido como o "desporto dos reis". Era praticado por todas as classes sociais, desde os plebeus até à realeza, mas havia distinções nos tipos de pranchas e nas ondas que cada grupo podia utilizar, e era frequentemente acompanhado por rituais e cânticos. Pranchas como a "alaia", "paipo" e "olo" eram utilizadas, com a última reservada para a elite, "As pranchas de surf havaianas, como a 'alaia' e a 'olo', eram símbolos de status e habilidade, refletindo a complexidade da prática e sua integração na estrutura social" (Finney & Houston, 1966).

A chegada de exploradores europeus no século XVIII marcou um ponto de viragem significativo na história do surf, na medida em que muitas práticas culturais, incluindo o surf foram reprimidas. A tripulação do Capitão James Cook foi uma das primeiras expedições europeias a testemunhar o surf no Havai em 1778, apesar do entusiasmo inicial, a influência de missionários e colonos no século XIX, levou ao declínio da cultura tradicional havaiana, incluindo o surf. Os missionários desencorajavam a prática devido à sua associação com rituais religiosos nativos e nudez, ociosa e imoral e, no final do século XIX, o surf quase tinha desaparecido das praias havaianas (Daws, 1974).

O início do século XX viu um renascimento do surf, em grande parte graças aos esforços de alguns indivíduos, como Duke Kahanamoku, um nadador olímpico havaiano, que viajou pelo mundo apresentando o desporto e partilhando a cultura havaiana, e, desta forma, desempenhando um papel fundamental como embaixador do surf. Os seus esforços, juntamente com os de outros entusiastas como George Freeth e Tom Blake, ajudaram a reintroduzir o surf a um público global. Destaca-se Duke Kahanamoku, que é, frequentemente, definido como o 'Pai do Surf Moderno' devido aos seus esforços em reviver e popularizar o surf fora do Havai" (Davis, 2014, p.72).

Neste enquadramento e com cada vez maior número de adeptos, pode afirmar-se que a globalização do surf teve por base, não só a procura e descoberta de novos destinos, novas ondas, novas experiências e o intercâmbio cultural, mas também fatores diferenciadores da modalidade face a outros desportos.

O período pós-Segunda Guerra Mundial marcou o início da "Idade de Ouro do Surf", com os avanços na tecnologia de pranchas de surf. O uso de fibra de vidro e espuma de poliuretano tornaram as pranchas mais leves e acessíveis a um público mais amplo. As décadas de 1950 e 1960 viram o nascimento da cultura do surf na Califórnia e na Austrália, caracterizada pelo desenvolvimento da música e filmes de surf e o de um estilo de vida distinto de surfista. A música surf rock, popularizada por bandas como "The Beach Boys", e filmes como "Gidget" (1959) e "The Endless Summer" (1966), capturaram a imaginação do público e ajudaram a promover a imagem do surf como um estilo de vida descontraído, aventureiro e como um símbolo de liberdade e aventura (Blair, 2004). Esta época marcou, também, o início de competições organizadas e a formação de clubes de surf, que contribuíram para estruturar o surf como um desporto reconhecido e respeitado. popularizando ainda mais o desporto e dando a conhecer ícones como Miki Dora, Phil Edwards e Nat Young. A cultura do surf expandiu-se rapidamente, com os surfistas a adotarem um estilo de vida descontraído que influenciou a moda, a música e as atitudes.

O surf contemporâneo e a expansão global

Do final do século XX até aos dias de hoje, o surf evoluiu para um desporto sofisticado e altamente competitivo a nível global. Por um lado, a criação de organizações profissionais como a Associação de Surfistas Profissionais (ASP), agora conhecida como a Liga Mundial de Surf (WSL), proporcionaram estrutura e legitimidade ao surf competitivo. Por outro, inovações no design de pranchas, tecnologia de fatos de surf e previsão de ondas melhoraram a experiência de surfar. Hoje, o surf é praticado e celebrado em todo o mundo, e destinos de surf, como Califórnia, Austrália e Havai, permanecem icónicos. É nesta altura, a partir dos anos 1970 e 1980, que o surf se expandiu para além dos seus centros tradicionais, com novos destinos emergindo como importantes locais de surf, como Portugal, Indonésia e Brasil, contribuindo para a diversificação da cultura do surf (Stranger, 2011).

Na cultura contemporânea, o surf continua a ser um símbolo de liberdade, aventura e consciência ambiental, fomentando, inclusive, uma comunidade global dedicada à conservação dos oceanos e à sustentabilidade, Ford & Brown (2006) afirmam que o surf oferece uma sensação única de liberdade e aventura que está profundamente interligada com a experiência do surfista no ambiente natural. É esta combinação de desafio físico, envolvimento com a natureza e a procura pela onda perfeita que cria uma sensação duradoura de liberdade e exploração, para além de inspirar uma vasta gama de expressões artísticas, incluindo música, cinema e literatura, “O surf deixou uma marca indelével na cultura popular, inspirando uma vasta gama de criações artísticas. O género surf *music*, iniciado por bandas como The Beach Boys, capturou o espírito das ondas, enquanto filmes como The Endless Summer immortalizaram o estilo de vida do surf. Além disso, a literatura sobre surf, com suas descrições vívidas do oceano e da jornada do surfista, oferece aos leitores um vislumbre da alma do desporto.” (Kampion, 2003, p.10).

A influência do desporto estende-se para além das ondas, uma vez que grandes eventos de surf, como o *Vans Triple Crown of Surfing* e o *Billabong Pipe Masters* que se realizam anualmente no Havai atraem a atenção internacional e celebram o espírito duradouro do desporto.

Mais recentemente, os avanços tecnológicos, a inovação e a tecnologia digital transformaram ainda mais o surf, com as aplicações de previsão de ondas a fornecerem

dados em tempo real e a permitir aos surfistas planejar as suas sessões com uma precisão sem precedentes. Por outro lado, a fotografia e videografia, com *drones*, revolucionaram a forma como os surfistas capturam, analisam as suas performances, e partilham quase de forma imediata as experiências, promovendo, assim, o surf a um público global através das redes sociais (Booth, 2015). Por outro lado, a realidade virtual (VR) e as piscinas de ondas artificiais, como as desenvolvidas pela *Wavegarden* e pela Kelly Slater *Wave Company* no País Basco e EUA, respetivamente, oferecem aos surfistas novas formas de treinar e desfrutar de ondas consistentes, independentemente das condições meteorológicas (Slater, 2012).

Surf de competição

O surf competitivo tem por base a perceção de atletas e técnicos profissionais e tem início no século XX, no Havai. O primeiro campeonato de surf conhecido foi realizado em *Corona del Mar*, Califórnia, em 1928. No entanto, foi apenas na década de 1950 que o surf competitivo começou a ser reconhecido como um desporto organizado. O *Makaha International Surfing Championships*, realizado pela primeira vez em 1954 no Havai, é considerado uma das primeiras competições de surf mais importantes, sendo mesmo considerado o precursor do surf profissional moderno, na medida em que estabeleceu um modelo para as competições futuras (Warshaw, 2004).

Na década de 1970, o surf profissional começou a ganhar mais estrutura com a formação da *International Professional Surfers* (IPS), especificamente em 1976, que mais tarde evoluiu para a *Association of Surfing Professionals* (ASP), em 1983. A ASP foi fundamental na criação de um circuito global de surf profissional. Como afirmou Shaun Tomson, um ex-campeão mundial, a ASP criou um caminho para os surfistas ganharem a vida com a sua paixão, trazendo profissionalismo e reconhecimento ao desporto (2009). As décadas de 1980 e 1990 viram a ascensão do surf competitivo, com um aumento de patrocínios, cobertura mediática e o aparecimento de estrelas do surf como Kelly Slater, onze vezes um campeão mundial, o que elevou significativamente o perfil do surf competitivo, o perfil do atleta de surf e o posicionamento do surf no mundo do desporto. Slater afirmou que competir não é apenas sobre vencer, é sobre ultrapassar os limites do que podes fazer numa onda (2000).

Em 2015, a ASP (*Association of Surfing Professionals*) foi rebatizada como *World Surf League* (WSL), profissionalizando ainda mais o desporto e expandindo o seu alcance global. A WSL introduziu inovações como transmissões ao vivo dos eventos pela internet, aumentando o envolvimento dos fãs em todo o mundo. Segundo a CEO da WSL, Sophie Goldschmidt, a WSL trouxe o surf para um público mais amplo, criando uma plataforma global para os melhores surfistas do mundo (2017).

Um marco na história do surf foi a sua inclusão, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (realizados em 2021 devido à pandemia de COVID-19). Este reconhecimento no palco mundial consolidou ainda mais o estatuto do surf como um desporto legítimo e respeitado, proporcionando novas oportunidades para os atletas e aumentando a sua visibilidade global (Booth, 2020). A proliferação das competições de surf, o profissionalismo e a organização, alavancaram o turismo de surf a nível mundial, com atletas, técnicos e espetadores a viajarem constantemente e descobrirem novos destinos. Desta forma, o turismo de surf expande-se globalmente.

O surf como desporto também evoluiu com a inclusão do surf adaptado, uma vertente do surf desenvolvida para indivíduos portadores de deficiência motora, incorporando princípios de inclusão e acessibilidade. Organizações como a *Challenged Athletes Foundation* (CAF), fundada em 1997, começaram a desempenhar um papel crucial ao fornecer recursos adaptados e oportunidades para os surfistas. Estas organizações contribuíram para aumentar a consciencialização quanto a estas questões e fornecer apoio financeiro para que os atletas pudessem participar, não só no surf, como noutros desportos, (Cowie, Bredin & Warburton, 2012)

Um dos primeiros avanços significativos para o surf adaptado veio com a criação do *U.S. Open of Adaptive Surfing* em 2007, realizado em San Diego, Califórnia, na medida em que foi uma das primeiras grandes competições a reconhecer o surf adaptado como um desporto competitivo legítimo. Este evento foi um marco importante ao proporcionar uma “plataforma formal” para que os surfistas portadores de deficiência competissem e demonstrassem as suas competências. Por outro lado, a International Surfing Association (ISA), desempenhou um papel fundamental na promoção global do surf adaptado ao sediar o *World Adaptive Surfing Championship*, que começou em 2015, campeonato que se tornou o principal evento para surfistas adaptados em todo o mundo, atraindo competidores de dezenas de países, (Soria, 2020)

A cultura do Surf

A cultura do surf é um fenômeno rico e multifacetado que abrange não apenas o ato de surfar, mas também um estilo de vida distinto, um conjunto de valores, como a consciência ambiental, e práticas comunitárias, que evoluíram ao longo dos séculos, devido à influência de fatores geográficos, sociais e tecnológicos. O surf é um desporto de natureza, de descoberta de novas ondas, de novas culturas de novos destinos e desafios. Em 2002, Buckley diz-nos que a sustentabilidade do surf como desporto e cultura dependerá em grande parte da eficácia com que a comunidade do surf consegue enfrentar e adaptar-se aos desafios ambientais e sociais emergentes.

Compreender a cultura do surf é essencial para explorar as variadas experiências dos surfistas e a natureza evolutiva deste desporto global. A cultura do surf é caracterizada pelo seu sentido único de identidade e comunidade. Os surfistas formam uma "tribo" global unida por uma paixão partilhada pelo oceano e pelas ondas. A “comunidade do surf” é marcada pela sua linguagem distinta, moda e características comuns. O termo "surfista" transmite uma imagem particular e um conjunto de valores, incluindo o “amor” pela liberdade, natureza e aventura, e uma profunda ligação com o oceano e com a natureza (Kampion, 2003). O surf contribuiu e contribui, ainda, para a promoção de uma profunda consciência ambiental entre os seus participantes, que reconhecem a necessidade de proteger os oceanos e as praias, pois que são vitais para o seu desporto (Warshaw, 2004).

Pode afirmar-se que o conjunto de valores e princípios associados à cultura do surf, da aventura, consciência ambiental, interculturalidade e identidade global contribuíram para o sucesso do desenvolvimento do turismo de surf. Para além do respeito pelo oceano, o respeito pelos outros também é um pilar do surf, nomeadamente, do que se considera como sendo a ética no surf, frequentemente referida como etiqueta no surf. No fundo, são as regras não escritas que orientam o comportamento dos surfistas na água. Estes princípios são essenciais para manter a segurança, o respeito e a harmonia entre os surfistas, além de preservar o ambiente onde se pratica o surf (Tomson, 2006). Seguir estas diretrizes ajuda a garantir uma experiência positiva para todos, sejam surfistas experientes ou iniciantes.

Os princípios básicos da ética no surf são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Ética no Surf

Ética no surf	
Princípio	Descrição
Respeito aos surfistas locais e à hierarquia do surf ambiental	Os surfistas locais geralmente têm uma ligação profunda com as suas praias de origem, surfando e cuidando delas ao longo de muitos anos. Respeitar os surfistas locais e a hierarquia estabelecida para as ondas é crucial. Os visitantes devem reconhecer que os locais geralmente têm prioridade e devem ser respeitados.
Compreender a prioridade	O surfista mais próximo do pico da onda (onde ela começa a quebrar) tem a prioridade. Isto significa que ele tem o direito de apanhar a onda, e os outros surfistas devem ceder. Respeitar esta regra evita colisões e garante que os surfistas se revezem a apanhar ondas.
Não ao “Drop In”	"Drop in" refere-se a entrar numa onda quando outro surfista já tem prioridade. Esta é uma das violações mais significativas da etiqueta no surf. Dropping in não só arruína a sessão do surfista com prioridade, mas também cria uma situação perigosa. Sempre verifique se alguém já está na onda antes de entrar nela.
Remar longe da zona de impacto	Ao remar para fora até à zona de surf, os surfistas devem evitar remar diretamente através da zona de impacto, onde as ondas quebram com mais força. Em vez disso, devem remar ao redor desta área para evitar interferir com os surfistas que estão a surfar as ondas e para minimizar o risco de serem atingidos por um surfista que vem na onda.
Comunicar e sinalizar as intenções	A comunicação clara na água é essencial para evitar mal-entendidos e potenciais conflitos. Os surfistas devem usar sinais manuais ou verbais para indicar as suas intenções, como a direção que planejam tomar numa onda. Isto ajuda a evitar colisões e garante que todos saibam quem tem a prioridade.

Partilhar as ondas	O surf é uma atividade comunitária, e partilhar as ondas é uma parte fundamental da experiência. Os surfistas devem revezar-se e evitar monopolizar todas as ondas. Isso significa não remar para todas as ondas e dar aos outros a oportunidade de apanhar ondas também. A justiça na fila para as ondas promove uma atmosfera positiva e constrói a camaradagem entre os surfistas.
Respeitar o ambiente	Os surfistas têm a responsabilidade de proteger e preservar o ambiente da praia e do oceano. Isso inclui práticas como não deixar lixo, participar em limpezas de praia e ser consciente do seu impacto ambiental. Respeitar a vida selvagem e os habitats naturais também é crucial para manter a saúde e a beleza dos locais de surf.
Conhecer os próprios limites	Compreender o seu nível de habilidade e respeitar os seus próprios limites é fundamental para a segurança na água. Os surfistas devem escolher ondas e condições que correspondam às suas capacidades para evitar colocar-se a si mesmos e aos outros em risco. Tentar surfar ondas além do seu nível de habilidade pode levar a situações perigosas.
Consideração e cortesia	A consideração geral e a cortesia na água são componentes essenciais da ética no surf. Isso inclui pedir desculpas se você acidentalmente fizer um "drop in" em alguém, reconhecer boas ondas e ser amigável. Interações respeitosas e atitudes positivas contribuem para um ambiente de surf acolhedor e agradável para todos.

Fonte: Elaboração própria com base na informação recolhida no “Código do Surfista” (Tomson & Moser, 2028) e o “Surfista e o Sábio” (Tomson & benShea, 2024).

Estes princípios da ética no surf garantem que todos possam desfrutar das ondas de forma segura e harmoniosa. O surf é mais do que apenas surfar ondas; é sobre fomentar uma comunidade que respeita uns aos outros e o ambiente, no mar a etiqueta não se trata apenas de regras, trata-se de comunidade. Trata-se de cuidar uns dos outros e compreender que uma atitude positiva e respeito mútuo tornam a experiência melhor para todos (Longo, 2014).

Ao seguir estas diretrizes, os surfistas contribuem para uma cultura de surf positiva e inclusiva. No centro da ética do surf está um profundo respeito pelo oceano. Os surfistas são incentivados a serem guardiões do ambiente marinho, praticando comportamentos sustentáveis e ecológicos. Como observa Shaun Tomson, o respeito pelo oceano e pelo seu poder é primordial. Sem o oceano, não há surf" (Tomson, 2009).

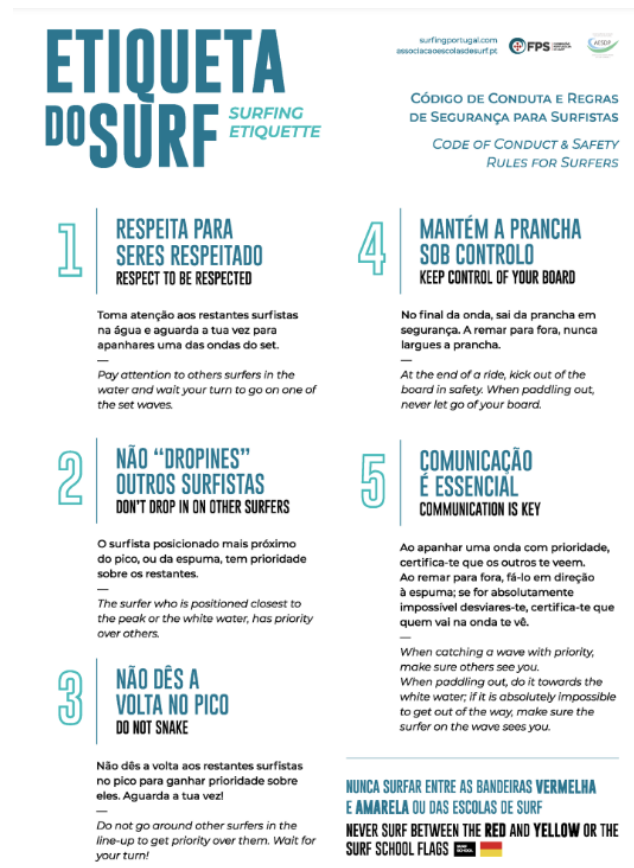
A cultura do surf também possui uma linguagem própria, com termos específicos que descrevem técnicas, condições das ondas e o ambiente de surf. Palavras como "stoked" (entusiasmado), "gnarly" (intenso) e "barrel" (tubo) são parte integrante do vocabulário dos surfistas e refletem a essência e a paixão da prática do surf. A cultura e o estilo de vida do surf tornaram-se mais populares em meados do século XX, através da construção da imagem de inúmeras revistas e livros de surf, filmes e outras produções de marketing relacionadas com a indústria do surf (Krause, 2012). Mas a profunda conexão com o oceano é um componente central da cultura do surf. Os surfistas muitas vezes veem-se como guardiões do ambiente marinho, defendendo a sua preservação e participando em ativismo ambiental. Esta conexão motiva muitos surfistas a participar em limpezas de praia, esforços de conservação e campanhas contra a poluição e as alterações climáticas. "A profunda conexão dos surfistas com o oceano os posiciona como defensores naturais do ambiente marinho, com muitos envolvidos em esforços de conservação e promoção de práticas sustentáveis" (Zapata, 2017, p.56).

Organizações como a *Surfrider Foundation* e *Save The Waves Coalition* foram fundadas por surfistas preocupados com a saúde dos oceanos e praias. Estes grupos trabalham para proteger os recursos costeiros e promover a sustentabilidade ambiental dentro e fora da comunidade do surf. Muitos surfistas também se envolvem em esforços educacionais para sensibilizar o público sobre questões ambientais, incluindo a conservação marinha, a redução de plásticos e a proteção de ecossistemas costeiros. Estes esforços ajudam a cultivar uma comunidade de surfistas mais consciente e responsável. No capítulo das boas práticas em destinos de surf, serão apresentados exemplos das ações desenvolvidas de encontro com a caracterização cultural apresentada.

Nos últimos anos, tem havido uma ênfase crescente na sustentabilidade dentro da comunidade do surf. Isso inclui o desenvolvimento de pranchas de surf ecológicas, roupas de surf sustentáveis e esforços para reduzir o impacto ambiental do turismo de surf. Os surfistas estão cada vez mais conscientes da sua pegada ecológica e procuram formas de

praticar o desporto de forma responsável, O movimento de surf sustentável está a ganhar força, com foco em reduzir o impacto ambiental através de inovações em equipamentos e ações de conservação, (Walker, 2020).

Figura 1: Etiqueta do Surf



Fonte: F.P.S. – Federação Portuguesa de Surf.

O Surf: diferentes perspectivas

A cultura do surf foi significativamente moldada pelos media, especialmente através de filmes e música. Filmes como "The Endless Summer" (1966) e a ascensão do *surf rock* trouxeram o surf para o *mainstream*, criando uma imagem idealizada do estilo de vida do surf que persiste até hoje. Estes produtos culturais ajudaram a espalhar o apelo e a influência do surf globalmente. A “moda do surf” é conhecida pelo seu estilo casual e funcional, com roupas que combinam conforto e praticidade, esta estética não só define a aparência dos surfistas, mas também influencia a moda casual.

Na era contemporânea, as plataformas digitais e as redes sociais transformaram ainda mais a cultura do surf. Os surfistas agora partilham as suas experiências e comunicam com um público global através de vídeos, fotos e redes sociais. Estes novos canais de comunicação democratizaram o acesso à cultura do surf, permitindo que uma audiência mais ampla e mais interativa o que contribuiu para o seu desenvolvimento. A produção de conteúdo multimédia, como vídeos de surf, *blogs* e transmissões ao vivo de competições e eventos.

Globalização e Profissionalismo

O surf expandiu-se muito além das suas origens polinésias para se tornar um fenómeno global. Hoje, comunidades de surf florescem em regiões diversas, desde as costas do Brasil e Portugal até às praias da Austrália e Japão. Esta globalização tem promovido um rico intercâmbio de práticas culturais e ideias, contribuindo para a evolução da cultura do surf em todo o mundo. A globalização do surf levou ao florescimento de comunidades de surf em lugares inesperados, desde as águas geladas da Noruega até às costas quentes e tropicais do Brasil. Esta difusão global não só expandiu o alcance do desporto, mas também facilitou um rico intercâmbio de conhecimentos culturais, práticas e ideias, evoluindo ainda mais a cultura do surf. A globalização do surf trouxe uma diversidade crescente para o desporto, com surfistas de diferentes origens culturais contribuindo com as suas próprias perspectivas e estilos. Surfistas de países que antes não eram conhecidos pelas suas tradições de surf agora competem em alto nível, enriquecendo a cultura global do surf.

O surf competitivo evoluiu de encontros informais para eventos altamente organizados e profissionais. Competições importantes, como o circuito da *World Surf League* (WSL), ajudaram a elevar o surf a um desporto reconhecido, atraindo patrocínios e um público global. Estes eventos não só mostram a habilidade atlética como também a vibrante cultura que envolve o surf competitivo.

Os surfistas profissionais tornaram-se ícones culturais influentes, moldando as aspirações e estilos de vida de surfistas aspirantes em todo o mundo. Figuras como Kelly Slater, Stephanie Gilmore e Gabriel Medina são celebradas não apenas pelos seus feitos competitivos, mas também pela personificação dos valores e estilo de vida centrais do surf. Muitos surfistas profissionais também se envolvem em empreendimentos empresariais, como lançamentos de marcas de moda, produção de filmes de surf e desenvolvimento de equipamentos de surf, expandindo sua influência além das ondas. As competições de surf não só celebram a habilidade e o talento dos surfistas, mas também promovem o turismo nas áreas anfitriãs, criando oportunidades económicas para as comunidades locais e ajudando a disseminar a cultura do surf. Esta posição está em concordância com autores como Standeven e De Knop (1998), que defendem que uma definição larga de desporto permite aumentar o significado das ligações entre turismo e desporto.

Eventos desportivos e turismo de surf

Turismo desportivo

A Organização Mundial do Turismo (OMT), agência especializada das Nações Unidas (ONU) dedicada ao turismo, com sede em Madrid, define Turismo como; o conjunto das atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros” (UNWTO, 2021). Como cliente do mercado turístico, a OMT considera o Visitante, que será qualquer pessoa que viaja para qualquer lugar fora do seu ambiente habitual por menos de 12 meses consecutivos e cujo motivo principal da visita não seja o de exercer uma atividade remunerada no local visitado. Para Cooper o

Turismo é o movimento de pessoas para fora de seus lugares normais de residência e trabalho, as atividades realizadas durante a sua estadia nos destinos turísticos e as facilidades criadas para atender às suas necessidades. (2008). A OMT distingue ainda entre Turista que será o visitante que permanece pelo menos uma noite no local visitado e Visitante do dia, a pessoa que não permanece pelo menos uma noite. Este tipo de definições, são extremamente úteis do ponto de vista estatístico e quantitativo, bem como para definir um quadro de referência objetivo. O Turismo, é, no entanto, um fenómeno extremamente complexo, lato e interdisciplinar e ter-se-á de se considerar como parte integrante da atividade turística os meios que permitem a viagem, as atividades e os serviços turísticos numa lógica sistémica e de interação com os outros sectores de atividade.

Para além dos benefícios económicos, o turismo também promove a interculturalidade e o entendimento global, permitindo que os viajantes experimentem diferentes culturas e modos de vida, Richards, (2001). No entanto, o turismo pode ter efeitos negativos, como a sobrecarga de recursos locais, a degradação ambiental e o impacto cultural adverso em comunidades anfitriãs, Gössling (2002).

O turismo desportivo é uma forma crescente de turismo que combina o entusiasmo pelo desporto com a experiência de viajar para novos destinos, integrado na categoria de turismo de aventura. Abrange uma ampla gama de atividades, desde a participação em eventos desportivos como espectador até a prática ativa de desportos em diferentes locais, oferece benefícios significativos para os destinos e contribui para o desenvolvimento do turismo global. Pode considerar-se como um conjunto de atividades que são simultaneamente turísticas e desportivas, necessitando, portanto de uma abordagem pluridisciplinar entre o turismo e o desporto, clarificar a noção não significa necessariamente que o fenómeno definido como turismo desportivo não possa ser analisado através de metodologias usadas no estudo do turismo e do desporto (Pigeassou, Bui-Xuan, Gleyse, 2003). O turismo desportivo não surge da rutura com o desporto ou com o turismo, mas sim, mas sim de uma abordagem pluridisciplinar entre os dois fenómenos.

Não existe uma prática que tenha deixado de ser desportiva, ou deixado de ser turística, para passar a ser turístico-desportiva. O que se passa é que o fenómeno desporto cresceu

num sentido que fez com que o desporto tivesse necessidade de recorrer aos serviços e aos conhecimentos do turismo. O inverso também acontece, o turismo cresceu num sentido que torna útil a utilização dos serviços e dos conhecimentos do desporto no âmbito da atividade turística. O turismo desportivo, refere-se a viagens com o propósito de participar ou observar um desporto, é um segmento de nicho de mercado reconhecido por estimular benefícios económicos nos destinos anfitriões, em grande parte através das despesas dos visitantes (Ritchie & Adair, 2002).

O turismo desportivo pode ser definido como viagens que envolvem a observação ou a participação em atividades desportivas fora do ambiente habitual do turista. Esta definição engloba tanto os eventos desportivos passivos, onde os turistas são espectadores, quanto os eventos ativos, onde os turistas participam diretamente das atividades desportivas. O turista desportivo viaja com o propósito de participar em atividades desportivas ou desenvolvidas em contexto desportivo (Hritz and Franzidis, 2018), condição dos respondentes do inquérito deste trabalho, pois a seleção da amostra foi realizada com base na condição de terem viajado nos últimos dois anos para participar em eventos desportivos.

Eventos e participação desportiva

Os eventos desportivos incluem competições locais, nacionais e internacionais que atraem espectadores e participantes de fora da região. Exemplos incluem Jogos Olímpicos, campeonatos do mundo, continentais e nacionais, mas também estágios de seleções ou equipas individuais, eventos desportivos são fundamentais para o turismo desportivo, atraindo visitantes de todo o mundo e proporcionando significativos impactos económicos e sociais (Getz, 2008). O turismo de participação envolve indivíduos que viajam para participar ativamente em eventos ou atividades desportivas (Higham & Hinch, 2009), ou em programas de treino frequentemente em destinos especializados que oferecem instalações e ambientes de qualidade, o turismo de treino e educação cresce à medida que atletas e entusiastas viajam para melhorar suas habilidades técnicas e conhecimentos em ambientes especializados (Ritchie & Adair, 2004). No entanto não são apenas os técnicos e atletas que compõem a população de um evento desportivo, mas também os espectadores que viajam para assistir aos eventos, estes turistas são motivados

pelo desejo de experimentar a emoção de assistir as competições ao vivo. O turismo de espectador é uma componente vital do turismo desportivo, onde os turistas viajam especificamente para assistir a eventos desportivos (Gibson, 2006), os grandes eventos desportivos atraem não só os desportistas e equipa técnica que viajam com o intuito de participação, mas também um grande número de espetadores que organizam a sua viagem para assistir ao vivo o espetáculo desportivo e partilhar o momento com os seus ídolos desportistas. Como referido anteriormente apenas foram recolhidas opiniões de técnicos e atletas, os espectadores não integram o grupo de respondentes do inquérito, limitação apresentada nas conclusões do trabalho.

O turismo desportivo está intrinsecamente associado ao desenvolvimento económico, pois contribui significativamente para a economia local e nacional (Hritz & Franzidis 2018), gera receita através do gasto dos turistas em alojamento, alimentação, transporte e atividades. Os grandes eventos desportivos também atraem investimentos e melhoram a infraestrutura local, O turismo desportivo tem um impacto económico substancial, gerando receitas significativas e promovendo o desenvolvimento económico local (Gratton, Shibl, & Coleman, 2005), conforme referido anteriormente os eventos desportivos atraem um número significativo de turistas, tanto pela participação direta, os atletas, desportistas e respetiva equipa técnica como pela visualização, o turismo de espectador. Outro fator impactante do turismo desportivo é a promoção da interação social e coesão comunitária, atraindo e unindo pessoas de diferentes origens com um interesse comum, o desporto, colateralmente a realização de eventos desportivos em determinado território ou destino, promove e incentiva a prática de atividades físicas, melhorando a saúde e o bem-estar da população de uma forma natural, os benefícios sociais do turismo desportivo incluem a promoção da interação social, a coesão comunitária e a melhoria da saúde e bem-estar através da prática de atividades físicas (Higham, 2005), e consequentemente fortalece a identidade cultural de uma região, pois o turismo desportivo pode também ser considerado como uma plataforma para promover a cultura local aos turistas e visitantes.

Experiência turística

O conceito de experiência turística abrange uma vasta gama de atividades, emoções e interações que os viajantes encontram durante as viagens. É um fenómeno multifacetado influenciado por fatores pessoais, culturais e ambientais. Pode ser definida como a soma de todos os eventos, atividades, emoções e interações que um viajante encontra desde o momento em que começa a planejar a sua viagem até ao momento em que retorna a casa. "A experiência turística abrange as interações sensoriais, emocionais e cognitivas que os viajantes têm com o seu destino, desde a antecipação pré-viagem até à recordação pós-viagem" (Larsen, 2007, p.201). O objetivo geral deste estudo é determinar elementos e aspetos fundamentais para o desenvolvimento de experiências turísticas diferenciadas pelo que é fundamental compreender o conceito de experiência para questionar os respondentes e interpretar a sua opinião.

A experiência turística começa com a fase de antecipação e planeamento. Isto inclui pesquisar destinos, fazer planos de viagem e imaginar a viagem que está por vir. Esta fase é muitas vezes preenchida com entusiasmo e expectativas. A fase de planeamento e antecipação pode moldar significativamente a experiência geral do turista, pois constrói o conjunto inicial de expectativas que influenciarão as suas perceções e satisfação durante e após a viagem (Chon, 1990). No caso de viagens com o objetivo de participar em eventos desportivos a expectativa é muito concreta, focada em necessidades base de logística, acessibilidades, eficiência de tempo e planeamento de condições base de conforto e segurança, conforme apresentado posteriormente na análise de conteúdo das respostas ao inquérito, assim como nas conclusões do trabalho.

A experiência no local, o núcleo da experiência turística ocorre durante a visita propriamente dita, inclui o envolvimento com atrações, participação em atividades e interação com os locais. A qualidade dos serviços, o ambiente e os encontros pessoais contribuem todos para a satisfação geral. A experiência no local é uma fase crítica onde os turistas se envolvem com os aspetos físicos e culturais do destino, levando a uma interação complexa de satisfação e respostas emocionais (Pine & Gilmore, 1999).

As interações sociais com companheiros de viagem, locais e prestadores de serviços são fundamentais para definir a experiência turística. Interações sociais positivas podem

aumentar a satisfação, enquanto encontros negativos podem prejudicar a experiência geral, "A qualidade das interações sociais encontradas durante a viagem pode melhorar ou diminuir significativamente a experiência turística global" (Maoz, 2006, p.221). Outro fator importante e central neste estudo é a relação da cultura do surf com o contexto cultural e ambiental, a riqueza e a qualidade ambiental de um destino influenciam significativamente a experiência turística, momentos e interações culturais únicas criam experiências memoráveis. Segundo Urry (1990), o contexto cultural e ambiental de um destino desempenha um papel vital na formação das percepções e satisfação dos turistas com a sua experiência de viagem.

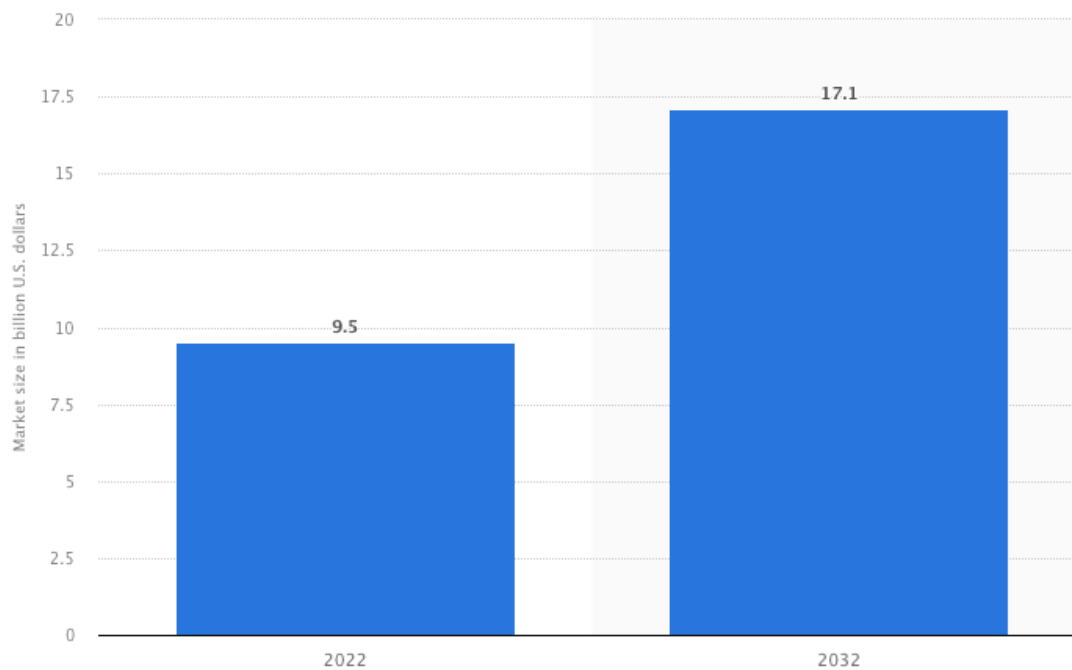
Após o regresso a casa, os turistas refletem sobre as suas experiências. Esta fase inclui partilhar histórias e fotos e avaliar se a viagem atendeu ou superou as suas expectativas. As memórias formadas durante a viagem contribuem para o impacto a longo prazo da experiência. "A reflexão pós-viagem é um aspeto crucial da experiência turística, pois a recordação das memórias muitas vezes aumenta o valor percebido e a satisfação com a jornada" (Tung & Ritchie, 2011, p.167).

O turismo de surf

O turismo de surf é um segmento de mercado em rápida expansão da indústria mais ampla do turismo desportivo (Martin & Assenov, 2012). O turismo de surf, a prática de viajar para destinos de surf, cresceu de uma atividade de nicho para um setor significativo da indústria de viagens global. Este desenvolvimento pode ser rastreado através de várias etapas, cada uma marcada por mudanças nas percepções, avanços na tecnologia de viagens e a descoberta de novos *spots* de surf. "A definição ampla de 'turismo de surf' foi adotada pelo Tourism New South Wales (2009): Uma atividade que ocorre a 40 km ou mais do local de residência da pessoa, onde o surf ou a participação em um evento de surf são o objetivo principal da viagem. Os turistas de surf permanecem nos seus destinos durante pelo menos uma noite ou podem realizar a sua visita como um passeio de um dia (Martin & Assenov, 2012).

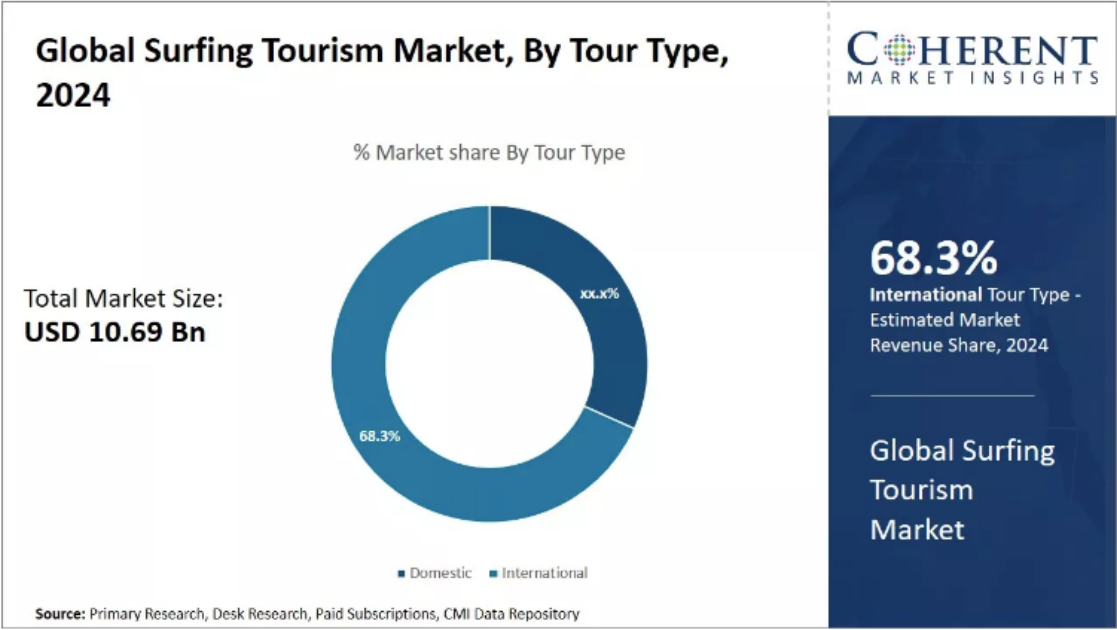
De seguida é apresentada na Figura 2, uma breve caracterização de indicadores sobre o desenvolvimento do turismo de surf;

Figura 2: Dimensão do mercado mundial da indústria de turismo de surf em 2022 e previsão para 2032 (em bilhões de dólares).



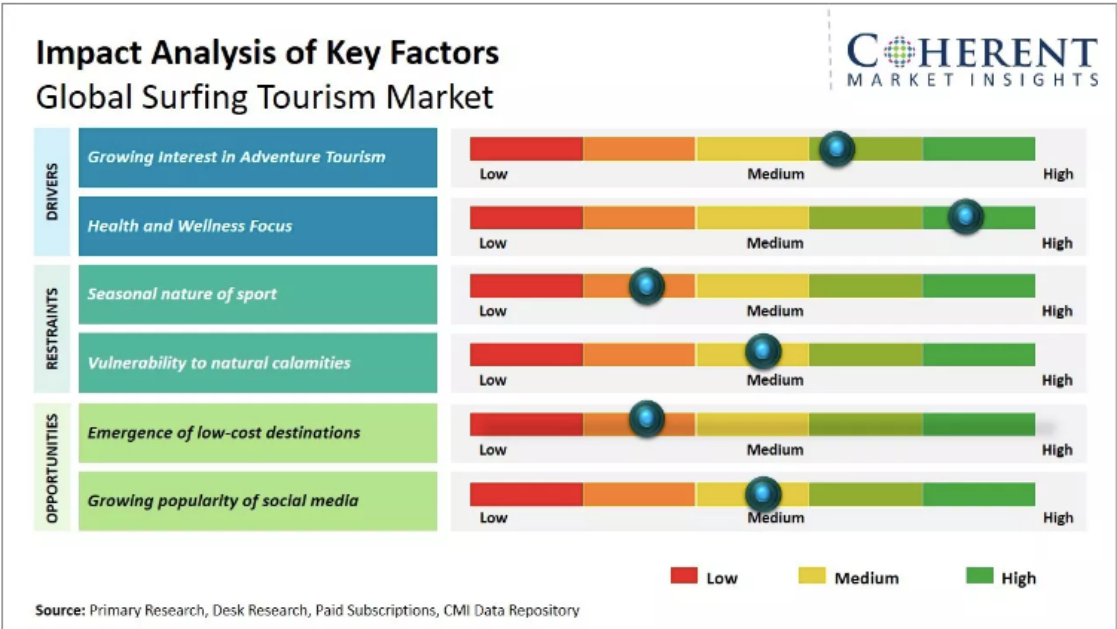
Fonte: www.coherentmarketinsights.com

Figura 3: Mercado global do turismo de surf por tipo (Doméstico e internacional)



Fonte: www.coherentmarketinsights.com

Figura 4: Análise de impacto dos fatores chave no mercado global do turismo de surf



Fonte: Coherent market insights

À medida que o turismo de surf cresceu, conforme demonstrado nas figuras 3 e 4, aumentaram também as preocupações com os seus impactos ambientais e sociais. A chegada de surfistas a regiões costeiras remotas e frágeis muitas vezes levou a problemas como superlotação, destruição de habitats e perturbação cultural. Em resposta, o conceito de turismo de surf sustentável ganhou força. Organizações como a *Surfrider Foundation* e a *Save The Waves Coalition* começaram a defender práticas de viagem responsáveis que minimizam o impacto ambiental e apoiam as comunidades locais. A sustentabilidade é um desafio central para o turismo de surf. A necessidade de proteger os recursos naturais e as comunidades locais enquanto se acomoda a procura turística exige um equilíbrio delicado. Destinos como Tofino, no Canadá, têm se destacado na implementação de práticas de turismo sustentável. Em 2010, Koot, diz-nos que a gestão sustentável é essencial para equilibrar a proteção dos recursos naturais e as necessidades econômicas das comunidades locais em destinos de surf. Campos de surf, resorts e operadores turísticos ecológicos emergiram, enfatizando a sustentabilidade, conservação e envolvimento comunitário. Iniciativas como limpezas de praias, projetos de preservação de recifes de coral e apoio às economias locais tornaram-se parte integrante da experiência de turismo de surf, conforme apresentado no próximo capítulo sobre as boas práticas em destinos de turismo de surf.

A inclusão e o acesso ao surf são questões importantes, especialmente em relação ao aumento da diversidade dentro da comunidade de surf. Programas e organizações estão a trabalhar no sentido de tornar o surf mais acessível a grupos sub-representados e promover a igualdade no acesso às ondas, iniciativas para aumentar a inclusão e o acesso ao surf são cruciais para diversificar a comunidade de surf e promover a igualdade de oportunidades (Ford & Brown, 2006). “A gestão eficaz do turismo de surf pode melhorar o bem-estar social e económico das comunidades locais, preservando ao mesmo tempo o património cultural.” (Ponting & O’Brien, 2014, p.18). Olhando para o futuro, e face aos conteúdos apresentados nos capítulos anteriores de diversos autores, o turismo de surf será provavelmente moldado por várias tendências-chave (Pointing & O’Brien, 2014):

Inovação Tecnológica: Avanços na previsão de ondas, plataformas de reserva de viagens e piscinas de ondas artificiais continuarão a melhorar a experiência de viagens de surf.

Sustentabilidade: Haverá uma ênfase crescente em práticas sustentáveis, com viajantes e negócios a priorizar a responsabilidade ambiental e social.

Diversificação: Novos e emergentes destinos de surf continuarão a ser descobertos, oferecendo novas oportunidades para exploração e aventura.

Inclusão: Esforços para tornar o turismo de surf mais inclusivo e acessível a diversas populações ganharão impulso, ampliando o apelo das viagens de surf.

As tendências supracitadas foram expostas nas questões do inquérito, no sentido de obter a opinião dos respondentes face aos desafios para o futuro do turismo de surf, implicações do desenvolvimento do turismo para as comunidades rurais anfitriãs no mundo em desenvolvimento em termos de justiça social e igualdade; reconhecer os benefícios económicos das zonas de surf para as comunidades urbanas no mundo desenvolvido em termos de proteção das áreas de surf no processo de decisão de gestão costeira. Em ambos os contextos, a sustentabilidade é a questão fundamental. Assim, com o surgimento de uma nova comunidade de investigação em turismo de surf, há um apelo evidente para sustentar e gerir os recursos de surf em todo o mundo (Martin & Assenov, 2012). “De particular interesse entre os trabalhos em curso é a preocupação com a vulnerabilidade e adaptação das áreas de surf na sequência das alterações climáticas, tal como abordado pelo *Griffith Centre for Coastal Management* e pelo *Beach and Surf Tourism and Recreation in Australia: Vulnerability and Recreation in Australia: Vulnerability and Adaptation Project* (BASTRA) (Praias, Surf e Mudanças Climáticas na Austrália, 2013; Griffith Centre for Coastal Management, 2013, p.81). Em 2012 Martin & Assenov afirmam que o campo ainda não se desenvolveu a um nível que beneficie a miríade de partes interessadas da zona costeira – e atualmente ficamos com uma abordagem um tanto subjetiva e inconclusiva para reconhecer, avaliar e conservar os recursos do surf costeiro na prevalência da indústria do turismo em expansão. O desenvolvimento do turismo de surf reflete a dinâmica interação entre aventura, cultura e comércio. Desde os seus humildes começos até ao seu status atual como um setor importante da indústria de viagens, o turismo de surf continua a evoluir, impulsionado pela paixão dos surfistas e pelo fascínio dos oceanos do mundo. O turismo de surf evoluiu de uma atividade de nicho para uma indústria global significativa, com impactos económicos, sociais e culturais profundos, enfrentando desafios como a sustentabilidade e a inclusão, e aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia, o turismo de surf está bem posicionado para continuar a prosperar no futuro, conforme apresentado na conclusão deste projeto.

Boas Práticas em Destinos de Turismo de Surf: Exemplos

Conforme apresentado no capítulo anterior, o turismo de surf vive um rápido crescimento dentro da indústria global de turismo, oferecendo benefícios económicos significativos aos destinos, mas também trazendo desafios ambientais e sociais. As boas práticas em destinos de turismo de surf visam equilibrar os benefícios económicos com a preservação das culturas locais e dos ambientes naturais. Esta análise explora princípios-chave e exemplos de turismo de surf sustentável, com suporte de referências bibliográficas.

As práticas sustentáveis no turismo de surf são essenciais para garantir que os benefícios económicos do turismo não venham à custa da degradação ambiental ou do bem-estar comunitário. Os exemplos de *Raglan*, *Uluwatu*, *Jeffreys Bay*, *Nosara*, *Ericeira*, *Tofino* e *Byron Bay* ilustram como os destinos podem equilibrar esses interesses por meio de gestão ambiental, envolvimento comunitário, práticas empresariais sustentáveis, educação e monitorização contínua. Esses princípios e práticas podem servir como modelos para outros destinos de turismo de surf que procuram alcançar um desenvolvimento sustentável, “O turismo de surf sustentável deve integrar dimensões ambientais, sociais e económicas para garantir a viabilidade a longo prazo dos destinos de surf.” (Martin & Assenov, 2012).

Princípios de Boas Práticas no Turismo de Surf

O STOKÉ (Sustainable Tourism and Outdoors Kit for Evaluation) é o Kit de Avaliação de Turismo Sustentável e Ar Livre. Sendo o primeiro organismo de certificação de sustentabilidade do mundo com padrões criados especificamente para operadores de turismo de surf.

Usando os critérios do Conselho Global de Turismo Sustentável - um conjunto de padrões acordados globalmente, definidos por décadas de pesquisas sobre turismo sustentável de profissionais e cientistas de todo o mundo - como base, a STOKÉ passou três anos a trabalhar em estreita colaboração com proprietários de resorts de surf, líderes comunitários, organizações sem fins lucrativos, e funcionários do governo em destinos de surf para desenvolver um sistema que quantifique os mais altos padrões de práticas

sustentáveis de turismo de surf. Composto por 142 métricas que medem a eficácia dos sistemas de gestão da sustentabilidade, conservação dos recursos do surf, qualidade e segurança da entrega de experiências de surf, bem como impactos sociais, económicos, culturais e ambientais, o STOKE adota uma abordagem multissetorial abrangente para a avaliação do surf e operadores turísticos.

Gestão Ambiental

A proteção dos ecossistemas costeiros e marinhos é essencial para manter a qualidade dos locais de surf e a beleza natural dos destinos. As boas práticas incluem a minimização da poluição, a prevenção da destruição de habitats e a promoção de esforços de conservação, a gestão ambiental sustentável é fundamental para preservar a integridade ecológica dos destinos de surf e garantir a longevidade das suas atrações naturais, (Zapata, 2017). O STOKE avalia a gestão ambiental através da análise da política de compras e bens consumidos, fontes e consumo de energia e água, medidas para redução da poluição, conservação da biodiversidade, ecossistemas e paisagem.

Envolvimento e Benefício da Comunidade

O turismo de surf deve proporcionar benefícios tangíveis às comunidades locais, incluindo oportunidades económicas, emprego e intercâmbio cultural, "O envolvimento das comunidades locais é vital para maximizar os benefícios sociais e económicos do turismo de surf e promover o desenvolvimento inclusivo e sustentável" (Moscardo, 2008, p.78). Assim como o envolvimento dos *stakeholders* locais no planeamento e na tomada de decisões garante que o desenvolvimento turístico esteja alinhado com as necessidades e valores da comunidade, "A sensibilidade cultural e o respeito pelas tradições e costumes locais são fundamentais para o sucesso e a sustentabilidade do turismo de surf." (Martin, & Assenov, 2014, p.37). Para medir o envolvimento e benefício da comunidade são mensurados os projetos de apoio ao desenvolvimento da comunidade local, o número de posto de trabalho criados e com empregabilidade local, assim como de fornecedores locais na cadeia de abastecimento dos operadores, á avaliada a inexistência de exploração laboral (contratos e termos legais associados, equidade salarial).

Práticas Empresariais Sustentáveis

Os operadores de turismo de surf devem adotar práticas sustentáveis, como o uso de produtos ecológicos, a redução de resíduos e o apoio a negócios locais. Isso ajuda a minimizar a pegada ambiental das atividades turísticas e promove a viabilidade a longo prazo do destino, práticas empresariais sustentáveis são essenciais para minimizar os impactos negativos do turismo de surf e promover o crescimento económico responsável (Buckley, 2010).

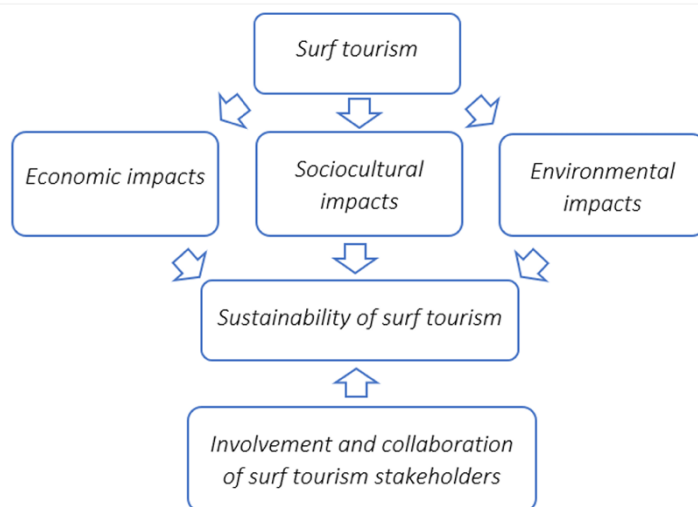
Educação e Conscientização

Educar os turistas sobre as culturas locais, questões ambientais e comportamentos responsáveis é crucial para promover o respeito e a sustentabilidade, a educação e a conscientização são elementos-chave para incentivar os turistas a adotarem comportamentos responsáveis e apoiar a conservação dos destinos de surf (Weaver, 2006), inclui fornecer informações sobre como minimizar o impacto ambiental e encorajar os turistas a participarem em atividades de conservação, “Programas de educação e sensibilização para turistas e operadores sobre o significado ambiental e cultural dos destinos de surf são vitais para a promoção de práticas sustentáveis” (Mach, 2012, p.64)

Monitorização e Gestão

A monitorização contínua dos impactos ambientais e sociais permite uma gestão adaptativa e ajuda a abordar quaisquer efeitos negativos do turismo de surf, monitorizar e a avaliar continuamente são fundamentais para a gestão do turismo de surf, permitindo respostas proativas aos desafios ambientais e sociais (Müller, 2004), o que implica avaliações regulares, feedback de *stakeholders* e a implementação de planos de gestão, “A colaboração entre as partes interessadas, incluindo agências governamentais, comunidades locais e operadores de turismo de surf, é crucial para o desenvolvimento e implementação de práticas sustentáveis de turismo de surf.” (Ponting, McDonald, Wearing, 2005, p.122)

Figura 5: Daphne Martens (2019) the understanding and practice of sustainable surf tourism



Apresenta a dinâmica do desenvolvimento do turismo com base nos princípios de sustentabilidade e a forma como se interligam.

Tabela 2: Exemplos de boas práticas em destinos de turismo de surf

Exemplos de Boas Práticas em Destinos de Turismo de Surf

Nas tabelas seguintes são apresentadas políticas, ações e iniciativas representativas do desenvolvimento do turismo sustentável.

Raglan, Nova Zelândia

Boas Práticas	Descrição	Referências
Gestão Ambiental	<i>Raglan</i> é famosa pelas suas ondas de classe mundial e pelo forte compromisso com a sustentabilidade ambiental. A comunidade implementou várias iniciativas de conservação, como a Estação de Tratamento de Águas Residuais de Raglan, que utiliza zonas húmidas naturais para tratar águas residuais, protegendo a qualidade da água local.	Buckley (2002). Butts, S. R. (2001).
Benefício da Comunidade	Organizações locais, como o <i>Whaingaroa Environment Centre</i> , promovem o compromisso comunitário através de eventos como limpezas de praias e programas educacionais.	
Práticas Empresariais Sustentáveis	Negócios locais, como o <i>Solscape Eco Retreat</i> , operam com o foco na sustentabilidade, oferecendo alojamento ecológico e promovendo a cultura local e os esforços de conservação.	

Uluwatu, Bali, Indonésia

Boas Práticas	Descrição	Referências
Gestão Ambiental	<i>Uluwatu</i>, é um dos destinos de surf mais famosos do mundo, enfrentou pressões ambientais significativas devido ao rápido crescimento do turismo. A comunidade local, juntamente com organizações como o <i>Uluwatu Surf Villas</i> e o <i>Project Clean Uluwatu</i>, tomou medidas proativas para enfrentar esses desafios. O <i>Project Clean Uluwatu</i> concentra-se na gestão de resíduos, monitorização da qualidade da água e educação da comunidade e dos turistas sobre a proteção ambiental.	Martin, S. A., & Assenov, I. (2014). Gibson, D. (2015).
Benefício da Comunidade	Iniciativas como o <i>Uluwatu Eco Lodge</i> apoiam o emprego local e contribuem para o bem-estar da comunidade ao usar recursos locais e envolver trabalhadores locais.	

Jeffreys Bay, África do Sul

Boas Práticas	Descrição	Referências
Gestão Ambiental e Social	<i>Jeffreys Bay</i>, conhecida pelas suas ondas perfeitas de direita, acolhe o J-Bay Open, um evento importante no circuito da World Surf League. Este destino enfatiza a sustentabilidade ambiental e o envolvimento da comunidade. A <i>Supertubes Surfing Foundation</i> concentra-se em proteger a onda de <i>Supertubes</i> e as dunas circundantes por meio de atividades como a reabilitação de dunas e a gestão de resíduos.	Nelsen, C. (2012). Towner, N. (2016).
Benefício da Economia e da Comunidade	O Projeto de Reciclagem de <i>Jeffreys Bay</i> oferece incentivos para que as comunidades locais participem da reciclagem, reduzindo assim os resíduos e promovendo a conscientização ambiental.	

Nosara, Costa Rica

Boas Práticas	Descrição	Referências
Desenvolvimento de Turismo Sustentável	Nosara é um destino de surf emergente que prioriza o desenvolvimento sustentável. A comunidade estabeleceu a Associação Cívica de Nosara, que gere a área local para o benefício de residentes e turistas. O Refúgio de Vida Silvestre de Nosara é outro exemplo de esforços de conservação locais, protegendo espécies ameaçadas e preservando habitats naturais.	Honey, M. (2008). Jacobson, S. K. (1999).
Educação e Conservação	Escolas de surf em <i>Nosara</i>, como a <i>Safari Surf School</i>, incorporam a educação ambiental nos seus programas, divulgando aos visitantes os ecossistemas locais e práticas responsáveis de surf.	

Ericeira, Portugal

Boas Práticas	Descrição	Referências
Reserva Mundial de Surf	Ericeira foi designada como Reserva Mundial de Surf, reconhecendo a qualidade excecional das suas ondas e o compromisso local com a proteção ambiental. Este <i>status</i> promove a preservação dos <i>spots</i> de surf e práticas de turismo sustentável. O governo local e organizações como a <i>Save the Waves Coalition</i> trabalham em conjunto para implementar políticas que protejam o ambiente costeiro e promovam o turismo sustentável.	Martin, S. A., & Assenov, I. (2014). Towner, N., & Milne, S. (2017).
Benefício da comunidade e cultura	Ericeira apoia a cultura e a economia local através de eventos como o <i>Ericeira Surf & Music Festival</i>, que combina competições de surf com celebrações culturais, beneficiando os negócios locais e destacando a cultura portuguesa.	

Tofino, Canadá

Boas Práticas	Descrição	Referências
Gestão Ambiental e Social	Tofino, na costa oeste do Canadá, é conhecida pelas belas praias e fortes ondas para a prática de surf. A comunidade local tem um forte foco em práticas de turismo sustentável e conservação ambiental. A <i>Clayoquot Sound Biosphere Reserve</i>, que inclui Tofino, trabalha para equilibrar o desenvolvimento turístico com a preservação dos ecossistemas locais.	Koot, P. (2010). Milne, S., & Ateljevic, I. (2001).
Práticas e negócios sustentáveis	Empresas como a Tofino <i>Surf School</i> adotam práticas ambientais responsáveis, desde o uso de produtos ecológicos até a promoção de atividades de conservação entre os turistas.	

Byron Bay, Austrália

Boas Práticas	Descrição	Referências
Sustentabilidade e Gestão da capacidade	Byron Bay é um dos destinos de surf mais icônicos da Austrália, conhecido pelas suas ondas consistentes e cultura alternativa. A gestão da capacidade turística é um desafio constante, com esforços concentrados em equilibrar o fluxo de turistas e a preservação da qualidade ambiental. A Byron Bay <i>Surf Festival</i> promove a consciência ambiental e celebra a cultura local de surf, incentivando práticas de turismo sustentável.	Buckley, R. (2002). Martin, S. A. (2008).
Envolvimento da Comunidade	A comunidade local está ativamente envolvida em esforços de conservação e planejamento do turismo sustentável, com iniciativas focadas em reduzir a pegada ambiental do turismo e promover a integração cultural.	

Fontes: Elaboração própria com referências.

Metodologia

As perguntas foram estruturadas por tópicos, onde os temas explorados na revisão bibliográfica são introduzidos sequencialmente por forma a obter a opinião dos respondentes; recursos naturais e de contexto, segurança, acessibilidade, capacidade de carga, sustentabilidade, tecnologia, e futuro dos destinos.

A metodologia qualitativa refere-se a técnicas e métodos de pesquisa utilizados para recolher dados não numéricos, tipicamente focados na compreensão de conceitos, opiniões ou experiências. É frequentemente utilizada nas ciências sociais para explorar fenómenos complexos e obter *insights* profundos sobre o comportamento humano e os processos sociais, caracteriza-se pela sua ênfase nas experiências dos indivíduos e nos significados que lhes atribuem. Envolve a recolha e análise de dados como entrevistas, observações e materiais textuais (Creswell, 2013).

A análise de fenómenos dinâmicos e a sua compreensão numa perspetiva ampla requer metodologias abrangentes. Tendo em consideração o objetivo principal deste projeto e as metodologias utilizadas em ciências sociais e realizadas por estudos similares anteriores (Minnaert et al., 2009; McCabe et al., 2010; Letho et al., 2009; Schanzel & Smith, 2014).

Na metodologia foi adotada uma abordagem exploratória, pois permite lidar com questões de investigação multifacetadas que não são facilmente abordadas através de abordagens mais estruturadas. Esta flexibilidade permite uma visão mais holística do problema de investigação (Mayring, 2000; Finn et al., 2000; Smith S., 2017). No caso do presente estudo, para identificar as perceções de técnicos e atletas profissionais de surf e apresentar propostas de experiências de surf diferenciadas, sendo este o objetivo principal.

Os objetivos específicos:

- Apresentar a evolução histórica e a “cultura” do surf;
- Analisar os conceitos de turismo de surf, e relacionar com eventos desportivos e turismo desportivo;
- Identificar os princípios de boas práticas de turismo de surf;

- Apresentar e analisar boas práticas em destinos de referência do turismo de surf;
- Analisar as percepções de técnicos e atletas sobre experiências de surf;
- Avaliar oportunidades e desafios para o desenvolvimento de experiências turísticas diferenciadas.

As perguntas de partida que suportaram o enquadramento bibliográfico, apresentado, de forma sumária, a seguir, são:

- O que é o turismo de surf?
- Qual a relação entre o de turismo de surf, os eventos desportivos e turismo desportivo?
- Como se podem definir e identificar boas práticas de turismo de surf (oferta)?
- Que boas práticas existem e que ilações se podem retirar ao nível oferta de turismo de surf a nível internacional e nacional?
- Como é que os técnicos e atletas percecionam o turismo de surf, as experiências, desafios quanto ao futuro do surf e do turismo de surf?
- Como podem ser definidas experiências turísticas de surf diferenciadas?

Enquadramento da revisão da bibliografia;

O presente trabalho estuda o surf enquanto desporto, relacionando-o com a componente turística. A revisão bibliográfica permitiu estabelecer uma base teórica e contextual para o projeto, identificando e clarificando as ideias e conceitos-chave, resultados e conclusões apresentados por outros investigadores, permitindo compreender o fenómeno em estudo, de seguida, apresentadas resumidamente.

Evolução histórica e cultura do surf, conforme abordado no primeiro capítulo, o surf é um desporto com uma atividade cultural de raízes históricas profundas e uma influência global significativa. Com origens na cultura polinésia, particularmente no Havai, onde era praticado pelos habitantes das ilhas já em 1000 d.C. além de um desporto é uma prática cultural ancestral. A evolução da modalidade acompanhou a evolução cultural do surf, a prática de surf expandiu-se globalmente, profissionalizou-se, organizaram-se associações para regular a competição, com a mediatização do desporto o surf influenciou a música, a moda, a arte, mas continua a ser um símbolo de liberdade, aventura e consciência ambiental. O surf tornou-se mais do que um desporto; é um estilo de vida que

valoriza a liberdade, a aventura e uma profunda conexão com o oceano (Kampion, 2003). Nas décadas mais recentes verificaram-se grandes inovações tecnológicas ao nível do equipamento e do acesso e disponibilidade da informação acerca das condições do mar, surgiram novos destinos em novas regiões, um marco na história do surf foi a sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

Compreender a cultura do surf fornece um contexto essencial para explorar as variadas experiências dos surfistas e a natureza da sua evolução. A cultura do surf é caracterizada pelo seu sentido único de identidade e comunidade. A ética no surf, frequentemente referida como etiqueta no surf, são as regras não escritas que orientam o comportamento dos surfistas na água. Estes princípios são essenciais para manter a segurança, o respeito e a harmonia entre os surfistas, além de preservar o ambiente onde se pratica o surf. O respeito pelos outros e pelo oceano são os pilares da etiqueta do surf. Todo o surfista deve entender que faz parte de uma comunidade maior e que suas ações afetam todos na água (Tomson, 2006). Podemos afirmar que o conjunto de valores e princípios associados à cultura do surf, da aventura, consciência ambiental, interculturalidade e identidade global contribuíram para o sucesso do desenvolvimento do turismo de surf, temas chave para o alcançar o sucesso do objetivo geral deste projeto, para compreendermos o surf e as experiências associadas temos de compreender a evolução histórica e cultural da modalidade.

No segundo capítulo abordamos os eventos desportivos e turismo de surf, temas essenciais para compreender as motivações, natureza das experiências nas viagens dos técnicos e atletas, assim como o enquadramento turístico do surf, os denominados turistas de participação, pois viajam para participar diretamente em atividades desportivas, seja para competição ou treino, "O turismo de participação envolve indivíduos que viajam para participar ativamente em eventos ou atividades desportivas" (Higham & Hinch, 2009, p.65), ou em programas de treino frequentemente em destinos especializados que oferecem instalações e ambientes de qualidade. O turismo de treino e educação cresce à medida que atletas e entusiastas viajam para melhorar suas habilidades técnicas e conhecimentos em ambientes especializados (Ritchie & Adair, 2004). A análise do turismo de surf permitiu classificar e identificar os conceitos chaves, assim como avaliar oportunidades e desafios para o desenvolvimento de experiências turísticas diferenciadas para o futuro, e face aos conteúdos apresentados de diversos autores, o turismo de surf

será provavelmente moldado pelas seguintes tendências; **Inovação Tecnológica:** Avanços na previsão de ondas, plataformas de reserva de viagens e piscinas de ondas artificiais continuarão a melhorar a experiência de viagens de surf. **Sustentabilidade:** Haverá uma ênfase crescente em práticas sustentáveis, com viajantes e negócios a priorizar a responsabilidade ambiental e social. **Diversificação:** Novos e emergentes destinos de surf continuarão a ser descobertos, oferecendo novas oportunidades para exploração e aventura. **Inclusão:** Esforços para tornar o turismo de surf mais inclusivo e acessível a diversas populações ganharão impulso, ampliando o apelo das viagens de surf.

O terceiro capítulo estuda as boas práticas em destinos de turismo de surf, permitindo identificar os atuais princípios e exemplos de boas práticas implementadas atualmente em destinos de referência mundial, assim com ao dinâmica que os eleva, estes princípios e práticas identificados podem servir como modelos para outros destinos de turismo de surf que procuram alcançar um desenvolvimento sustentável e diferenciado, O turismo de surf sustentável deve integrar dimensões ambientais, sociais e económicas para garantir a viabilidade a longo prazo dos destinos de surf. (Martin & Assenov, 2012). Tendo como base STAKE (Sustainable Tourism and Outdoors Kit for Evaluation) que é o Kit de Avaliação de Turismo Sustentável e Ar Livre e sendo o primeiro organismo de certificação de sustentabilidade do mundo com padrões criados especificamente para operadores de turismo de surf, foram estudadas as métricas que quantificam os mais altos padrões de práticas sustentáveis de turismo de surf; Gestão ambiental, Envolvimento e Benefício da Comunidade, Práticas empresariais sustentáveis, Educação e Conscientização, monitorização e Gestão. Foram apresentados exemplos de boas práticas com a respetiva descrição.

Técnica e instrumento de recolha de dados

O inquérito é uma técnica de recolha de dados utilizada na recolha de dados em investigação para obter informações sobre as opiniões dos respondentes. Esta técnica é amplamente utilizada em pesquisas académicas devido à sua capacidade de obter dados qualitativos. A entrevista é amplamente utilizada nas Ciências Sociais e a técnica de pesquisa mais usada no trabalho de campo, podendo ser considerada “como uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas” (Matos & Nascimento 2017, p.24). Existem vários tipos de inquéritos, incluindo inquéritos online, por telefone, por correio

e presenciais, cada um com suas próprias vantagens e desvantagens. Questões éticas, como garantir o consentimento informado e manter a confidencialidade, são cruciais para proteger os direitos dos participantes e a integridade da investigação (Bryman & Bell, 2015).

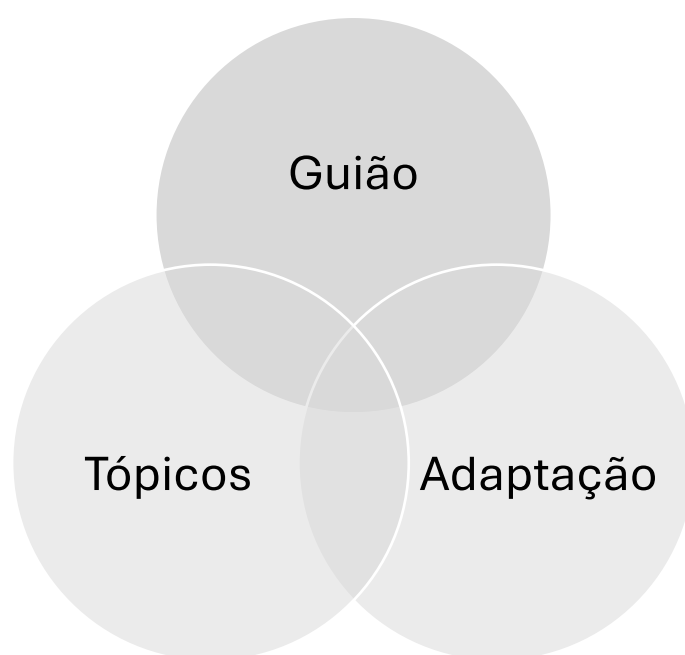
No presente trabalho, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, são um tipo de entrevista qualitativa que combina elementos de entrevistas estruturadas e não estruturadas. Este instrumento pressupõe o desenvolvimento de uma estrutura com perguntas preparadas antecipadamente, mas também permite flexibilidade para explorar temas emergentes durante a entrevista. Em 2016, Bryman refere que as entrevistas semiestruturadas são particularmente adequadas para estudos qualitativos onde o objetivo é compreender experiências, comportamentos e significados atribuídos pelos participantes. Caracterizam-se pela estrutura flexível, embora exista um roteiro de perguntas, o entrevistador pode adaptar as perguntas ou seguir novas direções com base nas respostas do respondente, o que permite a recolha de dados detalhados e contextuais. O guião da entrevista semiestruturada serve como um guia, mas permite desvios e adaptações conforme a conversa se desenvolve, o que pode levar a descobertas inesperadas e insights profundos (Rubin & Rubin, 2012), profundidade na informação, pois permite ao entrevistador explorar respostas em profundidade, captando nuances e detalhes que podem não surgir em inquéritos mais estruturados, e interação direta, facilita uma interação direta e pessoal entre o entrevistador e o respondente, promovendo uma compreensão mais rica e contextualizada das respostas, verificamos a natureza mais informal e interativa das entrevistas semiestruturadas pode ajudar a construir uma relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado, facilitando a obtenção de informações mais honestas e detalhadas (Longhurst, 2016).

Desenvolvimento do Inquérito:

O guião de Entrevista é um conjunto de perguntas abertas e fechadas foi desenvolvido com base nos objetivos da pesquisa. As perguntas abertas são desenhadas para permitir que os entrevistados expressem suas opiniões e experiências em suas próprias palavras, a clareza na formulação das perguntas é essencial para minimizar ambiguidades e assegurar que as respostas reflitam com precisão as perceções dos respondentes (Fowler, 2014). O

grupo de tópicos organiza as perguntas por categorias relevantes ao tema da pesquisa, o inquérito tem a característica de ser adaptável e flexível, pois algumas perguntas podem ser ligeiramente alteradas ou novas perguntas podem ser introduzidas durante a entrevista para explorar tópicos emergentes ou especificidades relevantes ao contexto do entrevistado. Entrevistas semiestruturadas combinam a estrutura de um questionário com a flexibilidade de uma entrevista aberta, permitindo explorar tópicos em profundidade enquanto se mantém um foco nos temas centrais. (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006).

Figura 6: Estrutura do desenvolvimento do inquérito



Fonte: elaboração própria

O guião da entrevista foi realizado com base nos tópicos estudados na revisão bibliográfica e adaptado com base nos resultados da entrevista teste realizada.

As vantagens das entrevistas semiestruturadas no desenvolvimento deste trabalho foram a flexibilidade na recolha dos dados. As entrevistas semiestruturadas proporcionam uma flexibilidade significativa, permitindo ao entrevistador ajustar perguntas conforme necessário para explorar tópicos emergentes durante a entrevista (Barriball & While, 2004). A adaptabilidade, permite ao entrevistador ajustar a direção da entrevista em tempo real, explorando tópicos relevantes que surjam. Entrevistas semiestruturadas são adaptáveis a diversos contextos e populações, tornando-as úteis em uma ampla gama de

estudos de pesquisa qualitativa (Gill et al., 2008). A profundidade permite uma compreensão profunda das percepções e experiências dos respondentes. Esta técnica permite uma exploração aprofundada dos pensamentos e sentimentos dos entrevistados, proporcionando dados ricos e detalhados que muitas vezes não podem ser obtidos através de métodos quantitativos (Cohen & Crabtree, 2006).

Por outro lado, também as entrevistas semiestruturadas apresentam algumas desvantagens como tempo-intensivo dispensado, "As entrevistas semiestruturadas podem ser bastante demoradas, tanto na condução das entrevistas quanto na análise dos dados, exigindo um investimento significativo de tempo e recursos." (Bryman, 2016), assim como uma forte dependência da competência do entrevistador, pois a qualidade dos dados pode depender da competência do entrevistador em conduzir a entrevista e explorar respostas, "A eficácia das entrevistas semiestruturadas depende fortemente da habilidade do entrevistador em conduzir a entrevista de maneira a obter respostas detalhadas e relevantes, o que pode variar consideravelmente entre entrevistadores." (Gill et al., 2008, p.78). De referir que o inquérito por entrevistas semiestruturadas tem sido amplamente utilizado em turismo em particular para análise da percepção.

Foi elaborado um guião da entrevista, abrangendo temas chave relacionados com experiências de surf, identificação e avaliação qualitativa dos destinos para os quais viajaram nos últimos dois anos, dos desafios competitivos e percepções pessoais sobre as experiências vivenciadas na prática desportiva do surf em contexto de competição e de turismo. No entanto, o guia foi flexível, permitindo a exploração de temas emergentes e opiniões e percepções espontâneas fornecidas pelos participantes.

A entrevista semiestruturada foi composta por três conjuntos de perguntas pré-determinadas e orientadas por um guia de entrevista, destinado a entender a experiência, perspetiva e avaliar a opinião do entrevistado em temas relacionados com a qualidade das experiências de surf. O primeiro conjunto de perguntas foi direcionado a aferir o currículo dos entrevistados em relação à “experiência e envolvimento com a modalidade” e “funções desempenhadas”, com perguntas concretas. No segundo conjunto, foram realizadas perguntas abertas sobre a avaliação qualitativa dos destinos e dos elementos que impactam uma experiência de surf nos quais o entrevistado viajou nos últimos dois anos ordenada na seguinte sequência de tópicos: "Elementos que influenciam a qualidade geral para o surf", "Avaliação do impacto dos elementos identificados", "Desafios futuros

dos destinos de surf”, “Sustentabilidade”, “Acessibilidade”, “Segurança”, “Infraestruturas”, “Inovação e tecnologia”, “Recursos Naturais”, “Recomendações”, com perguntas abertas que "permitem alcançar profundidade ao proporcionar ao entrevistador a oportunidade de explorar e expandir as respostas do entrevistado" (Rubin & Rubin, 2005), que visam determinar a percepção geral das experiências associadas à prática de surf, bem como os problemas percebidos e, possivelmente, as respectivas soluções relacionadas com o desenvolvimento dos destinos. Ao longo da entrevista, outras perguntas abertas são realizadas para sondar o especialista sobre ideias com referência a elementos identificados que possam ajudar na elaboração de propostas de experiências de surf diferenciadas. Por último um conjunto de perguntas com maior abertura onde foi abolido o critério temporal da viagem se ter realizado nos últimos dois anos, e o contexto da mesma, em vez de profissional um contexto pessoal, finalizando com a descrição e classificação do significado de experiência de surf.

A entrevista foi realizada em português, francês, espanhol e inglês. A realização da entrevista em diferentes idiomas permite os entrevistados possam falar sobre o tema na sua própria língua, de modo a permitir a expressão das suas próprias estruturas de relevância e símbolos, e evitar constrangimentos relacionados com potenciais défices de formulação e terminologia (Bohnsack, 2008), com exceção do entrevistado de nacionalidade alemã que realizou a entrevista em inglês, as traduções foram realizadas com recurso a ferramentas informáticas e validadas por um técnico em línguas. A entrevista foi realizada maioritariamente através da plataforma online *Zoom* ou quando possível pessoalmente, teve uma duração média de 30 minutos, foi gravada e posteriormente transcrita. Foi solicitada autorização para a gravação da entrevista a todos os entrevistados e prestada a informação sobre o efeito e objetivo da mesma, assim como da confidencialidade e anonimato das respostas, e da apresentação agregada dos dados. Do total dos entrevistados foram representadas seis nacionalidades; portuguesa, equatoriana, francesa, espanhola, alemã e reunionense.

Antecedentes e Experiência: Questões sobre a história do participante no surf, incluindo o envolvimento inicial, progressão na carreira e marcos significativos.

Reflexões Pessoais: Questões abertas que incentivam os participantes a partilhar histórias memoráveis, aprendizagens chave e avaliação qualitativa dos destinos.

Tópicos: Questões abertas organizadas em categorias relevantes ao tema da pesquisa, como "Elementos que influenciam a qualidade geral para o surf", "Avaliação do impacto dos elementos identificados", "Desafios futuros dos destinos de surf", "Sustentabilidade", "Acessibilidade", "Segurança", "Infraestruturas", "Inovação e tecnologia", "Recursos Naturas", "Recomendações"

Entrevistas

As entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril, de acordo com a disponibilidade do entrevistador e dos respondentes, os quais foram previamente contactados para aferir o interesse e a disponibilidade, assim como para agendar o dia e a hora da entrevista. Conforme referido na caracterização da amostra responderam ao inquérito oito atletas e técnicos, do total de entrevistas 6 foram realizadas presencialmente durante a realização de eventos desportivos e duas foram realizadas através da plataforma zoom em data combinada, em todas as entrevistas foi apresentado o propósito, os objetivos e o enquadramento, assim como pré validados os requisitos para a participação e prestada a informação de que as respostas permaneceriam confidenciais e anónimas, e que os dados resultantes do estudo seriam apresentados de forma agregada e seriam apenas utilizados com o propósito do trabalho referido, no final de apresentação inicial foi sempre questionada a autorização para a gravação, questão colocada novamente no início da gravação para registo. As entrevistas tiveram durações diferentes de acordo com o tempo de resposta dos respondentes assim como da reflexão dos respondentes e extensão das respostas, em média cada entrevista teve a duração de cerca de 30 minutos. Devido à representatividade de seis nacionalidades diferentes as entrevistas foram realizadas em português, inglês, francês e espanhol, por forma a que os respondentes se pudessem expressar no idioma mais conveniente para revelar a sua opinião, as seis entrevistas realizadas presencialmente foram gravadas através do telemóvel, as duas entrevistas realizadas online, foram gravadas através da respetiva aplicação na plataforma zoom, todas as entrevistas em idioma estrangeiro foram traduzidas para português e transcritas para um documento *word*, devidamente codificado para identificar o respetivo respondente para o entrevistador. Conforme apresentado na caracterização da amostra deste trabalho os respondentes apresentavam as seguintes características específicas;

Perguntas	Guião	Tópicos da Revisão Bibliográfica	Fontes
1. Há quantos anos está envolvido no mundo do surf?	Antecedentes e experiência	Evolução histórica Surf de competição Globalização e profissionalismo Turismo de surf	Warshaw, M. (2004). <i>The Encyclopedia of Surfing</i> . Harcourt. Kampion, D. (2003). <i>Stoked: A History of Surf Culture</i> . Gibbs Smith. Tomson, S. (2009). <i>Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding through Life</i> . Gibbs Smith. Slater, K. (2000). <i>Pipe Dreams: A Surfer's Journey</i> . Harper Collins. Gibson, H. (1998). Sport Tourism: A Critical Analysis of Research. Sport Management Review Higham, J., & Hinch, T. (2009). Sport and Tourism: Globalization, Mobility, and Identity. Routledge.
2. Quais as funções ou posições que experienciou na modalidade?	Antecedentes e experiência	A cultura do surf Surf: diferentes perspetivas Globalização e profissionalismo	Warshaw, Matt. "The Encyclopedia of Surfing." Houghton Mifflin Harcourt, 2005. Kampion, Drew. "The Book of Waves: Form and Beauty on the Ocean." Chronicle Books, 1989.

			Young, Nat. "The Complete History of Surfing: From Water to Snow." Gibbs Smith, 2008. Tomson, S. (2009). Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding through Life. Gibbs Smith. Warshaw, M. (2004). The Encyclopedia of Surfing. Harcourt. Kampion, D. (2003). Stoked! A History of Surf Culture. Gibbs Smith
3. Pensando nos destinos que visitou enquanto técnico ou atleta nos últimos dois anos: 3.1. Identifique os que mais gostou. 3.2. Explique porquê (duas principais razões)? 3.3. Identifique os que menos gostou 3.4. Explique porquê (duas principais razões)?	Reflexões Pessoais	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf Boas práticas em destinos de turismo de surf	Warshaw, Matt. "The Encyclopedia of Surfing." Houghton Mifflin Harcourt, 2005. Kampion, Drew. "The Book of Waves: Form and Beauty on the Ocean." Chronicle Books, 1989. Young, Nat. "The Complete History of Surfing: From Water to Snow." Gibbs Smith, 2008. Tomson, S. (2009). Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding through Life. Gibbs Smith. Warshaw, M. (2004). The Encyclopedia of Surfing. Harcourt.

			Kampion, D. (2003). Stoked! A History of Surf Culture. Gibbs Smith Martin, S. A. (2008). Sustainable Surf Tourism: Navigating a Sea of Uncertainty. Journal of Sport & Tourism.
4. Numa perspectiva global, pensando nas experiências que vivenciou, quais são os elementos que considera mais relevantes num destino de surf?	Reflexões Pessoais	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf Boas práticas em destinos de turismo de surf	Buckley, R. (2002). Surf Tourism and Sustainable Development in Indo-Pacific Islands. II. Recreational Capacity Management and Case Study. Journal of Sustainable Tourism. Martin, S. A. (2008). Sustainable Surf Tourism: Navigating a Sea of Uncertainty. Journal of Sport & Tourism,
5. Dos elementos que destacou, especifique de que forma podem impactar a experiência num destino de surf?	Reflexões Pessoais	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf Boas práticas em destinos de turismo de surf	Martin, S. A., & Assenov, I. (2014). Beach Quality and Surf Tourism Management in Portugal. Journal of Coastal Research.
6. Do seu ponto de vista, quais são os desafios futuros enfrentados pelos destinos de surf, em geral?	Desafios futuros dos destinos de surf	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf	Koot, P. (2010). Sustainable Surfing in Tofino, British Columbia. In P. Burns, C. Palmer, & J. Lester (Eds.), Tourism and

		Boas práticas em destinos de turismo de surf	Visual Culture: Methods and Cases. CAB International.
7. Na sua opinião, de que forma evoluíram as questões da sustentabilidade (ambiental, cultural e da comunidade) no posicionamento dos destinos de surf?	Sustentabilidade Recursos Naturais	A cultura do surf Surf: diferentes perspectivas Boas práticas em destinos de turismo de surf	Ford, N., & Brown, D. (2006). Surfing and Social Theory: Experience, Embodiment and Narrative of the Dream Glide. Routledge. Martin, S. A., & Assenov, I. (2014). Beach Quality and Surf Tourism Management in Portugal. Journal of Coastal Research.
8. A acessibilidade é outro aspeto importante nos destinos de surf. Como pensa que este deve ser organizada para garantir inclusão para todas as pessoas (de todos os contextos)?	Sustentabilidade Acessibilidade	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf Boas práticas em destinos de turismo de surf	Honey, M. (2008). Ecotourism and Sustainable Development: Who Owns Paradise? Island Press.
9. A segurança e condições sanitárias são fundamentais para uma experiência de qualidade, concorda? Se sim, quais os elementos base que um destino deve proporcionar?	Sustentabilidade Segurança	Eventos desportivos e turismo de surf Experiência turística Turismo de surf Boas práticas em destinos de turismo de surf	Buckley, R. (2002). Surf Tourism and Sustainable Development in Indo-Pacific Islands. II. Recreational Capacity Management and Case Study. Journal of Sustainable Tourism. Ford, N., & Brown, D. (2006). Surfing and Social Theory: Experience, Embodiment and Narrative of the Dream Glide. Routledge.

10. Na sua opinião, qual o papel da inovação e da tecnologia na melhoria da experiência de surf? Indique p.f. alguns exemplos.	Tecnologia e inovação	Surf: diferentes perspectivas Turismo de surf	Buhalis, D., & Law, R. (2008). Progress in Information Technology and Tourism Management: 20 Years on and 10 Years after the Internet - The State of e Tourism Research. <i>Tourism Management</i> Butler, R. W. (1999). Sustainable Tourism: A State-of-the-Art Review. Connell, J. (2006). Medical Tourism: Sea, Sun, Sand and... Surgery. <i>Tourism Management</i>
11. Por fim, com base nos seus conhecimentos e experiências, quais as recomendações ou sugestões que indicaria aos destinos de surf para melhorar as suas práticas/oferta? E aos operadores?	Reflexões Pessoais Recomendações	A cultura do surf Surf: diferentes perspectivas Boas práticas em destinos de turismo de surf	Warshaw, M. (2004). <i>The Encyclopedia of Surfing</i> . Harcourt. Zapata, M. (2017). Surfing and Sustainability: How the Surfing Industry and Culture Impact the Environment. Routledge. Moscardo, G. (2008). Building Community Capacity for Tourism Development. CABI Publishing. Buckley, R. (2010). Adventure Tourism Management. Routledge. Weaver, D. (2006). Sustainable Tourism: Theory and Practice. Elsevier.

Entrevistador: Alterando o seu contexto de viagem, a nível pessoal e não profissional (numa viagem ou experiência como turista).	Reflexões Pessoais	Evolução histórica A cultura do surf Experiência turística Turismo de surf	Warshaw, M. (2004). <i>The Encyclopedia of Surfing</i> . Harcourt. Kampion, D. (2003). <i>Stoked: A History of Surf Culture</i> . Gibbs Smith. Tomson, S. (2009). <i>Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding through Life</i> . Gibbs Smith.
12. Alteraria a perceção alguma das suas respostas de forma significativa? Porquê?			
13. Destacaria algum destino de surf em particular (enquanto turista): Pela positiva e porquê? Pela negativa e porquê?	Reflexões Pessoais Recomendações	Experiência turística Turismo de surf	Slater, K. (2000). <i>Pipe Dreams: A Surfer's Journey</i> . Harper Collins. Gibson, H. (1998). <i>Sport Tourism: A Critical Analysis of Research</i> . Sport Management Review.
14. O que é que para si, enquanto turista, significa uma experiência de surf? Como a classifica?	Reflexões Pessoais	Experiência turística Turismo de surf	Higham, J., & Hinch, T. (2009). <i>Sport and Tourism: Globalization, Mobility, and Identity</i> . Routledge.

Procedimento de Recolha de Dados:

1. **Seleção dos Participantes:** Os participantes são selecionados com base em critérios específicos que garantem a relevância e a diversidade da amostra para o estudo. Os respondentes foram selecionados com base nos critérios previamente definidos: terem viajado nos últimos dois anos para participar em eventos desportivos como atletas ou técnicos.
2. **Condução da Entrevista:** As entrevistas são realizadas num ambiente confortável e familiar para os respondentes, podendo ser presenciais, por telefone ou via videoconferência. As entrevistas foram gravadas (com consentimento) para garantir a precisão na recolha de dados. Das oito entrevistas, seis foram realizadas presencialmente, e duas via plataforma zoom, todos os respondentes deram consentimento para a gravação das entrevistas. As entrevistas tiveram uma duração média de 25 minutos, os respondentes falaram sempre na sua língua materna, com exceção do respondente alemão que respondeu em inglês.
3. **Transcrição e Análise:** As entrevistas são transcritas para análise. A análise qualitativa, como a análise temática, é então realizada para identificar padrões e temas emergentes nas respostas dos entrevistados. As entrevistas foram transcritas para documento escrito.

Seleção da amostra

A amostragem por conveniência é uma técnica de amostragem não probabilística onde os sujeitos são selecionados devido à sua acessibilidade conveniente e proximidade com o investigador (Etikan, et al. ,2016). Este método é amplamente utilizado nas Ciências Sociais, devido à sua simplicidade e custo-efetividade. A amostragem por conveniência é um método onde os sujeitos são escolhidos devido à sua acessibilidade conveniente e proximidade ao investigador. Esta abordagem é amplamente utilizada em investigação exploratória onde o objetivo é obter uma primeira impressão de um fenómeno. No entanto, este método pode introduzir viés significativo, uma vez que a amostra pode não ser representativa da população em geral” (Etikan, Musa & Alkassim, 2016).

As principais vantagens, da amostragem por conveniência são a acessibilidade, os respondentes são selecionados com base na sua fácil acessibilidade ao investigador, e a

rapidez e eficiência pois permite a rápida recolha de dados, tornando-o adequado para estudos com limitações de tempo, "A amostragem por conveniência é valorizada pela sua rapidez e facilidade na seleção dos participantes, tornando-a uma opção prática para estudos exploratórios ou quando há limitações de tempo." (Etikan, Musa, & Alkassim, 2016). Apresenta, no entanto, algumas desvantagens ou limitações, como a falta de generalização, como a amostra não é selecionada aleatoriamente, os resultados não podem ser generalizados para a população mais ampla, a principal desvantagem da amostragem por conveniência é o viés significativo que pode introduzir, uma vez que a amostra pode não ser representativa da população em geral, limitando a generalização dos resultados, o critério de facilidade de acesso pode levar a uma amostra que não é diversa, o que pode introduzir vários vieses relacionados às características do grupo, para reduzir estas situações verificou-se o cuidado de selecionar respondentes de diversas nacionalidades, com experiências diversificadas, ecleticamente representativos nas funções e títulos alcançados e praticantes de um conjunto amplo de categorias dentro da modalidade de surf. Os dados foram recolhidos durante a realização de treinos, estágios e competições nacionais e internacionais, pela disponibilidade dos entrevistados

Recolha de dados

Teste piloto

Foi realizado um teste piloto para avaliar a realização e compreensão das perguntas da entrevista, para o efeito foi selecionado um atleta que reunia todas as condições de seleção dos respondentes, a entrevista foi realizada presencialmente no mês de fevereiro para aferir a exequibilidade do inquérito, em termos de alcance dos objetivos propostos, registrar o tempo de duração e a adequação das perguntas face ao objetivo principal e aos objetivos secundários, assim como avaliar a interpretação das perguntas por parte do respondente por um lado e simultaneamente preparar o entrevistador para a fase de recolha de dados, mais especificamente para a realização das entrevistas à amostra selecionada. No final foram realizados pequenos ajustes, de acordo com a interpretação do investigador e da opinião do respondente teste.

Caracterização da amostra

A principal característica da amostra é o facto de incluir apenas técnicos e atletas de surf que viajaram nos últimos dois anos em contexto profissional, o objetivo foi recolher perceções orientadas por especialistas e utilizadores.

Os respondentes, que são atletas e técnicos de surf, com um conjunto de experiências personalizadas e conhecimento especializado. A sua interação direta com diversos ambientes de surf, a cultura do surf, e a organização de eventos, permite-lhes identificar pontos fortes e fracos na oferta de turismo de surf atual. Tais perceções são críticas para o desenvolvimento de experiências de turismo de surf autênticas, atrativas e sustentáveis. Estas experiências, profundamente enraizadas nos aspetos práticos e emocionais do surf, podem contribuir significativamente para a identificação de ofertas de propostas inovadoras e personalizadas que não apenas atendem, mas excedem as expectativas dos turistas. Ao utilizar perceções orientadas por especialistas, as recomendações para o desenvolvimento do turismo de surf podem ser alinhadas mais precisamente com as necessidades e desejos reais do público-alvo. Esta abordagem garante que as experiências sugeridas não sejam apenas viáveis, mas também repercutam a nível pessoal com potenciais turistas de surf, aumentando assim a satisfação e a repetição de visitas.

Devido à informação prestada nas entrevistas; “Informo que as suas respostas permanecerão confidenciais e anónimas. Os dados resultantes do estudo serão apresentados de forma agregada e serão apenas utilizados com o propósito do trabalho referido” os entrevistados foram numerados por ordem sequencial da realização das entrevistas.

Respondentes: Características específicas

Numeração	País	Género	Anos de prática	Modalidade	Funções	Títulos internacionais
1	Equador	M	17	Surf	Atletas Treinador	Sim
2	Portugal	M	24	Surf	Treinador Selecionador Nacional	Sim
3	Ilhas Reunião	F	12	Surf	Treinador	Não
4	Portugal	M	35	Bodyboard	Atleta Dirigente Treinador Juiz	Não
5	Alemanha	M	8	Parasurf	Atleta	Sim
6	Espanha	F	9	Parasurf	Atleta	Sim
7	Portugal	M	21	Surf	Atleta Treinador	Sim
8	França	M	7	Parasurf	Atleta Treinador	Sim

A amostra caracteriza-se pela representatividade de seis nacionalidades de três continentes, seis dos respondentes são do género masculino e dois do género feminino, apresentam em média 17 anos de prática da modalidade de surf, sendo que o respondente com menor experiência apresenta 7 anos de prática e o com maior experiência 35 anos de prática. Com exceção da entrevistada n.º 3, das Ilhas Reunião todos são ou já foram atletas em competição, 6 são de momento treinadores, o elemento n.º 4 acumula também funções de dirigente e juiz, de destacar o elemento n.º 3 que atualmente também desempenha funções de selecionador nacional de uma equipa internacional. 6 dos respondentes já conquistaram títulos internacionais, o elemento n.º 4 tem no seu currículo um título nacional, apenas um dos entrevistados não competiu como atleta, pelo que nunca conquistou qualquer título a nível competitivo, apenas desempenha funções de treinador. De destacar que 4 respondentes praticam surf, três praticam Parasurf (Surf Adaptado) e um pratica Bodyboard.

Todos os elementos da amostra cumprem o requisito de terem viajado nos últimos dois anos a título profissional em competições de surf.

Figura 7: Distribuição das nacionalidades



Fonte: elaboração própria através de gráfico no Excel.

Apresentação e análise dos dados

No presente capítulo procedemos à análise de conteúdo das entrevistas tendo em consideração o guião da entrevista corelacionado com os tópicos da revisão bibliográfica.

Perguntas	Guião	Respondentes / Resposta	Afirmações
1 - Há quantos anos está envolvido no mundo do surf?	Antecedentes e experiência	R1 – 17 anos R2 – 24 anos R3 – 12 anos R4 – 35 anos R5 – 8 anos R6 – 9 anos R7 – 21 anos R8 – 7 anos	N.A.
2 - Quais as funções ou posições que experienciou na modalidade?	Antecedentes e experiência	R1 – Atleta / Treinador R2 – Atleta / Treinador / Seleccionador Nacional R3 – Treinador	O turista desportivo, que pode ser considerado como um nicho de mercado, viaja com o propósito de participar em atividades desportivas ou desenvolvidas em

		R4 – Atleta / Treinador / Juiz R5 – Atleta R6 – Atleta R7 – Atleta / Treinador R8 – Atleta / Treinador	contexto desportivo (Hritz and Franzidis, 2018). "O turismo de participação envolve indivíduos que viajam para participar ativamente em eventos ou atividades desportivas" (Higham & Hinch, 2009)
3 - Pensando nos destinos que visitou enquanto técnico ou atleta nos últimos dois anos: 3.1. Identifique os que mais gostou. 3.2. Explique porquê (duas principais razões)? 3.3. Identifique os que menos gostou 3.4. Explique porquê (duas principais razões)?	Reflexões Pessoais	R1 – 3.1. Cantábria (Espanha) e Ericeira (Portugal) 3.3. Aveiro (Portugal) e Nigrán (Espanha)	“Clima e qualidade das ondas” “Más condições climáticas e de estruturas”
		R2 – 3.1. México e Califórnia 3.3. Lanzarote (Canárias)	“Clima, ondas, natureza e cultura local” “organização da competição e da cultura do surf” “excesso de turismo, má qualidade das praias”
		R3 – 3.1. San Diego (Califórnia) e Ericeira (Portugal)	“ambos pela cultura de surf que vivi, pela qualidade das ondas e pela organização das praias em termos de estruturas, serviços de apoio e, sobretudo na Ericeira pelo sentimento de conservação da natureza”

		3.3. Fuerteventura (Canárias) e Cantábria	“em Fuerteventura há uma descaracterização total da ilha, não conseguimos entender a identidade local” “Na Cantábria a massificação turística associada ao surf não permite usufruir das praias locais, temos de nos afastar de Ribamontón del Mar, cidade local para apreciar a região”
		R4 – 3.1. Equador (Galápagos) / Panamá 3.3. Aveiro	“pela qualidade das ondas, pelo significado histórico e exotismos e biodiversidade que as ilhas proporcionam” “um local luxuriante do ponto de vista natural, floresta tropical bom clima, ondas de qualidade e água quente” “pelas condições do mar e climáticas”
		R5 – 3.1. México (La Salarita) / Portugal (Viana e Faro) 3.3. France (Molietes)	“qualidade das ondas e acessibilidades da praia”

			“praia inacessível e condições do mar difíceis”
		R6 – 3.1. Califórnia 3.3. Valdoviño	“pela cultura do surf e pela diversidade de ondas” “as condições do mar estavam boas mas as infraestruturas e serviços de apoio estavam péssimos”
		R7 – 3.1. Viana do Castelo e Madeira 3.3. Galiza e Costa Rica	“o CAR Surf de Viana apresenta todas as condições para o treino e para a competição para todos os níveis de atletas” “ a Madeira pela qualidade das ondas e pelo clima tropical” “praias pouco organizadas e sem estruturas de apoio, com excesso de carga”
		R8 – 3.1. Valdoviño e Viana do Castelo	“participei num campeonato que me correu muito bem e partilhei experiências com outros atletas que foram bastante agradáveis”

		3.3. Aveiro	“pelas acessibilidades que me permitiram surfar autonomamente” “senti alguma discriminação por ser um atleta de surf adaptado”
4 - Numa perspetiva global, pensando nas experiências que vivenciou, quais são os elementos que considera mais relevantes num destino de surf?	Reflexões Pessoais	R1 – Ondas, condições e localização das praias	“A qualidade das Ondas e as condições de acesso e das estruturas de apoio nas praias”.
		R2 – Qualidade da onda e natureza (elementos naturais)	“Prefiro um destino com menos pessoas em detrimento da qualidade das ondas, destinos com uma forte cultura de surf”
		R3 – As ondas, a natureza e a cultura local	“Gosto de surfar ondas diferentes, e de conhecer novas culturas, gastronomia, arquitetura, história...”
		R4 – Qualidade da onda, segurança, clima, cultura local	“gastronomia, comunicação, vias de transporte, relação com a comunidade local”
		R5 – Infraestruturas da praia, acessibilidades	“duches, rampas, passadeiras na praia”

		R6 – Clima, ondas e infraestruturas de apoio	“acessibilidade das praias, um clima quente pois dada a minha condição necessito de temperaturas mais amenas”
		R7 – A qualidade das ondas e a qualidade das estruturas e organização socioeconómica do país e a implementação da cultura de surf	“a qualidade das ondas é um fator fundamental, as estruturas de apoio, o preço do destino/custo de vida, o apoio na reparação e assistência técnica, a cultura de surf permite surfar com segurança”
		R8 – A acessibilidade das praias e a qualidade das ondas	“com a minha incapacidade necessito de boas ondas e de bons acessos na praia”
5 - Dos elementos que destacou, especifique de que forma podem impactar a experiência num destino de surf?	Reflexões Pessoais	R1 – Proporcionar uma experiência positiva	“É determinante para um surfista a qualidade das ondas e das praias”
		R2 – A beleza natural transforma a experiência positivamente a perceção de contacto com a natureza	“a saturação turística ao nível de estruturas implica uma má experiência”
		R3 – A experiência de conhecer novas culturas acrescenta interesse às viagens de surf	“quando viajo gosto de experimentar a gastronomia local, os rituais, a história e cultura dos locais”
		R4 – A identidade cultural e natural	“a interligação entre os elementos que referi tornam a experiência mais positiva”

		R5 – A acessibilidade gera conforto e satisfação	“a possibilidade de pessoas com deficiência acederem às praias e disfrutarem com as mínimas condições”
		R6 -	
		R7 – A cultura do surf gera identidade, sentimo-nos em “casa”	“quando identificamos os valores e princípios do surf num destino temos a base para uma experiência positiva”
		R8 – A acessibilidade e a vigilância	“sem boas acessibilidades não consigo chegar, logo não é um destino, como tenho limitações físicas é importante para mim surfar em praias vigiadas”
6 - Do seu ponto de vista, quais são os desafios futuros enfrentados pelos destinos de surf, em geral?	Desafios futuros dos destinos de surf	R1 – A gestão da massificação turística e a organização dos destinos	“A logística da deslocação, a localização a capacidade de carga dos destinos e as estruturas de apoios e serviços.”
		R2 – Gestão dos destinos, carga e excesso de turismo	“proporcionar formação, e disseminar a cultura do surf, do respeito e da ética do surf”

		R3 – O crowd – massificação turística e a preservação ambiental	“o excesso de turista é um fator muito negativo num destino, e que traz como consequência a degradação do ambiente e da natureza local”
		R4 – Massificação do desporto	“provoca um excesso de turistas, que traz desconforto tanto às populações locais como aos visitantes, interferindo negativamente com a comunidade local”
		R5 – Ser acessível e com a beleza natural preservada	“promover condições de acesso a todas as pessoas, promover a conservação da natureza e da identidade cultural”
		R6 – a preservação ambiental e as acessibilidades das parias	“as questões ambientais e as alterações climáticas vão impactar os destinos seguramente...as condições de acesso às parais”
		R7 – A gestão da massificação turística e a poluição ambiental	“um destino sobrecarregado é um destino condenado, pode preencher todos os requisitos em termos desportivos como qualidade das ondas, clima agradável etc,

			mas a massificação afasta os turistas de surf”
		R8 – A massificação	“com a massificação os preços e as condições interferem negativamente nas viagens”
7 - Na sua opinião, de que forma evoluíram as questões da sustentabilidade (ambiental, cultural e da comunidade) no posicionamento dos destinos de surf?	Sustentabilidade Recursos Naturais	R1 – Positiva e transversalmente	“Evoluíram muito e positivamente, além dos surfistas as autoridades começam a ter a consciência e prioridade nas questões ambientais”
		R2 – Positivos, mas ainda com critérios por alcançar	“já há mais consciencialização para os problemas do impacto do desenvolvimento turístico, a valorização do património natural já é considerado uma prioridade pelas autoridades”
		R3 – A sustentabilidade está na ordem do dia da sociedade em geral	“atualmente um destino que não promova a sustentabilidade está condenado”
		R4 – A cultura do surf há muito que defende as questões atuais da sustentabilidade	“O surfista é um nómada por definição com uma relação próxima com a natureza, com o

			espírito de descoberta, com consciência de preservação ambiental”
		R5 – A comunidade surfista sempre viveu em sintonia com as questões da sustentabilidade	“nos desportos de natureza a preservação ambiental é fundamental, os destinos devem ter com prioridade a preservação da natureza, o envolvimento e respeito da sua identidade cultural e ambiental”
		R6 – A cultura do surf valoriza as questões da sustentabilidade desde o seu início	“o surf representa a conexão com a natureza, sem natureza não há surf”
		R7 – Nos últimos anos as autoridades alinharam-se com as questões de boas práticas sustentáveis	“alguns destinos ainda tem margem para desenvolver, mas as questões da sustentabilidade já estão nas agendas dos governos locais e regionais, não só por ser uma questão atual mas pela sua inevitabilidade”
		R8 – A sustentabilidade sempre esteve presente na cultura do surf.	“penso que é uma preocupação intrínseca na cultura do surf e que já se generalizou na sociedade”

8 – A acessibilidade é outro aspeto importante nos destinos de surf. Como pensa que este deve ser organizada para garantir inclusão para todas as pessoas (de todos os contextos)?	Sustentabilidade Acessibilidade	R1 – Sim	“deve permitir o acesso a todos, em particular a pessoas com deficiência e meios médicos de auxílio”
		R2 – Sim	“a acessibilidade é um conjunto de situação, é necessário adaptar os locais a pessoas com necessidades especiais, mesmo que implique um decréscimo económico na exploração dos destinos, é necessária formação, informação e disseminação dos projetos de surf adaptado.”
		R3 - Sim	“as praias devem ter os acessos suficientes e organizados de forma que todos possam usufruir de um destino sem comprometer a massificação do mesmo”
		R4 – Muito importante	“tem de ser muito bem pensada e com uma estratégia consertada com outras dinâmicas, para permitir a inclusão e ao mesmo tempo tem de haver mecanismo que não promovam a massificação...só facilidade no acesso pode ser prejudicial.

		R5 – É fundamental	“Os destinos e as autoridades devem regular a acessibilidade para permitir a inclusão, a assistência médica, sem massificar os locais e sem prejudicar o quotidiano da população local, não é tanto uma questão de investimento, mas de organização
		R6 - Sim	“é difícil dar resposta a todas as pessoas, no entanto é possível definir requisitos mínimos estruturais nos destinos que permitam o acesso a pessoas com deficiência ou pessoas maiores/sénior que também são um segmento da população pouco considerado, e estas questões são extensíveis não só à mobilidade no transporte, mas também nas estruturas das praias”
		R7 – Fundamental para o futuro	“a sociedade evoluiu, a inclusão é um tema fundamental no mundo atual, deixou de ser um estigma ou um tabu, o destino tem de se adaptar”

		R8 - Sim	“há locais que devido à estrutura geográfica é mais difícil permitir a acessibilidade de todos, no entanto de uma forma geral as praias de vem ser organizadas de forma a permitir o acesso de todas as pessoas, falo particularmente de pessoas portadoras de deficiência”
9 - A segurança e condições sanitárias são fundamentais para uma experiência de qualidade, concorda? Se sim, quais os elementos base que um destino deve proporcionar?	Sustentabilidade Segurança	R1 – Sim	“casas de banho, duches recolha de lixo, estacionamento organizado, vigilância nas praias e apoio médico”
		R2 – Sem dúvida	“é uma questão de escala, deve ser proporcional à capacidade de carga dos destinos, da gestão de resíduos...a segurança é fundamental para influenciar o desenvolvimento de um destino”
		R3 - Concordo	“vigilância, apoio médico, segurança, serviços complementares”
		R4 - Concordo	“os dois grandes domínios são a segurança na comunidade, o turista deve sentir-se seguro, e por outro lado segurança em

			relação à saúde, na eventualidade de um acidente, doença ou outro fator, assim como a vigilância e higiene”
		R5 - Sim	“vigilância das praias, nadadores-salvadores, duches, apoio médico e limpeza”
		R6 - Sim	“vigilância e assistência médica nas praias, duches, casas de banho e limpeza”
		R7 - Concordo	“saneamento, higiene, limpeza, informação médica específica, segurança social e política, vigilância e organização das praias”
		R8 - Sim	“os destinos devem ter wc’s, duches, vigilância e segurança marítima, apoio médico...”
10 - Na sua opinião, qual o papel da inovação e da tecnologia na melhoria da experiência de surf? Indique p.f. alguns exemplos.	Tecnologia e inovação	R1 – Muito importante	“podermos através do conforto da nossa casa verificar as condições das ondas e do tempo, foi uma mudança muito grande na realidade do surf”

		R2 – Captação de vídeos para análise técnica	“garantir segurança e qualidade para os turistas, envolvendo todas as entidades competentes, por forma a garantir o bom funcionamento das praias...cooperação entre as entidades”
		R3 – Muito importante	“com base nas aplicações das previsões podemos tomar decisões sobre qual o melhor momento para surfar, inclusive organizar toda uma viagem antecipadamente” “ a transmissão online de eventos permitiu dar a conhecer novos destinos até então anónimos”
		R4 – Novos materiais mais sustentáveis no equipamento desportivo	“no que diz respeito à atividade de surf já é suficiente o nível tecnológico que atingimos, na minha opinião não é preciso inovar mais, à exceção dos materiais mais sustentáveis.”
		R5 – Desenvolvimento de materiais mais sustentáveis no equipamento desportivo	“de momento o foco da inovação deverá ser a utilização de matérias-primas mais sustentáveis no fabrico de equipamento desportivo e equipamento adaptado”

		R6 – Vídeo análise, transmissão online, as redes soais	“o facto de poder visualizar um a competição a partir de casa permite-me acompanhar o desporto com mais frequência e desenvolver as minhas capacidades desportivas através da análise de vídeo” “o desenvolvimento de novos equipamentos mais sustentáveis” “as redes sociais permitem interagir com a comunidade surfista”
		R7 – A transmissão online	“a maior inovação foi a transmissão online das competições que permitiram dar a conhecer novos destinos” “as redes sociais permitem obter informação sobre os destinos como qual a melhor época do ano para viajar, documentação a levar, protocolos a respeitar nos diferentes países, etc”
		R8 – Gravações vídeo, previsões	“ao gravarmos os nosso treinos e performances permite-nos analisar os erros e melhorar a nossa técnica” “as previsões permitem-nos organizar as nossas sessões com mais eficiência”

11 - Por fim, com base nos seus conhecimentos e experiências, quais as recomendações ou sugestões que indicaria aos destinos de surf para melhorar as suas práticas/oferta? E aos operadores?	Reflexões Pessoais Recomendações	R1 – Infraestruturas, informação, logística	“investir em infraestruturas de qualidade e adequadas...informações nos destinos, melhorar os transportes nas praias” “formação dos recursos humanos para melhorara a experiência no local”
		R2 – Regulamentação e monitorização nas praias ao nível dos operadores	“garantir segurança e qualidade para os turistas, envolvendo todas as entidades competentes, por forma a garantir o bom funcionamento das praias...cooperação entre as entidades”
		R3 – Organização, regulação e monitorização	“a massificação e desorganização dos destinos implicam uma experiência negativa”
		R4 – Regulamentação e preservação da cultura do surf	“é controverso, e deve ser analisado especificamente a cada destino, mas a vigilância e os cuidados médicos. Os operados devem disponibilizar a manutenção dos equipamentos, a prevenção de acidentes e a disseminação da cultura e ética do surf”

		R5 – Estruturas e logística dos destinos	“para mim as acessibilidades das parias são o ponto que mais se pode melhorar”
		R6 – Adaptação à cultura e consistência do surf	“devem recolher informação dos desportistas para se adaptarem às necessidades e cultura do surf” “informar e sensibilizar os operadores” “cuidar do meio ambiente local”
		R7 – A segurança e vigilância nas praias. A formação e monitorização.	“a formação específica sobre segurança marítima” “o policiamento dos operadores para garantir a qualidade dos serviços associados ao surf” “ formar a população local para o bom desenvolvimento turístico, potenciando os negócios locais”
		R8 – Organização, serviços de apoio, segurança	“criar oportunidades para os surfistas e as suas famílias” “os destinos devem ser seguros para serem mais atrativos”
Entrevistador: Alterando o seu contexto de viagem, a nível pessoal e não profissional (numa viagem ou experiência como turista).	Reflexões Pessoais	R1 – Sim	“como surfista a qualidade das ondas é muito importante, como turista tenho mais tolerância”

12 - Alteraria a percepção alguma das suas respostas de forma significativa? Porquê?		R2 – Não	“poderão ser implementadas algumas restrições no acesso às praias, nomeadamente em locais com património ambiental, o que profissionalmente não seria favorável”
		R3 - Não	“nas viagens que faço, seja profissionalmente ou pessoalmente, levo sempre o espírito do surf, de descoberta e partilha das ondas”
		R4 - Não	“nas minhas viagens profissionais ou em lazer o espírito do surf está sempre presente, a essência do desporto em conexão com a natureza”
		R5 - Sim	“a cultura local, a gastronomia, o contacto com a comunidade local é mais importante para mim quando viajo em lazer do que em competição, o foco na competição é demasiado intenso para permitir conhecer melhor a cultura local.

		R6 - Não	para mim é muito claro, vivo com muita intensidade as viagens de surf”
		R7 - Não	“talvez posso acrescentar que da percepção das várias viagens, numa viagem pessoal a segurança e a higiene influenciariam a escolha do destino a visitar”
		R8 – Não	“para mim é difícil separar a parte pessoal da profissional, o surf é prioritário, é a principal motivação na escolha de um destino”
13 - Destacaria algum destino de surf em particular (enquanto turista): Pela positiva e porquê? Pela negativa e porquê?	Reflexões Pessoais Recomendações	R1 – (+) Costa Rica e Nicarágua (-) Chile	“pela natureza e pela comunidade” “pelo clima frio”
		R2 – (+) México (-) Tenerife (Canárias)	“pelo climas, ondas, cultura local e envolvimento natural” “ <i>handicap</i> ’s pelo excesso de turismo”

		R3 – (+) Mentawai (-) Cantábria	“pela natureza, pela ondas, pela beleza natural e como são ilhas pequenas pela preservação da cultura local” “pela massificação, parece um shopping de surf”
		R4 – (+) Havai (-) Havai	“é a meca do surf, historicamente, a qualidade das ondas o clima, a natureza, mas do ponto de vista negativo a massificação do destino torna difícil a prática do surf.
		R5 – (+) México (-) n.a.	“a comida e a cultura local proporcionaram uma excelente experiência” “é difícil para mim identificar aspetos negativos quando estou a viajar para surfar, até porque quando viajo pessoalmente e não desportivamente estudo os destinos antecipadamente e verifico se preenchem os requisitos de que necessito.”

14. O que é que para si, enquanto turista, significa uma experiência de surf? Como a classifica?	Reflexões Pessoais	R1 – Paradisiaca	“é conhecer novas ondas, novas culturas, novos destinos, descobrir novos destinos, partilhar momentos”
		R2 – São poucas	“ter ondas com qualidade, num ambiente natural, com amigos e bom tempo”
		R3 - Fantástica	“surfear boas ondas, em boa companhia, apreciar a natureza, descobrir e apreciar novas culturas”
		R4 – É um deslumbramento	“sempre que vou para um destino de surf vou à procura das ondas, e toda a sua envolvência...é das coisas que eu mais gosto de fazer”
		R5 - 10 em 10	“muda completamente as minhas escolhas de viagem, viajo para surfar o que elimina automaticamente destinos sem ondas, surfar num novo destino muda completamente a minha mente e o meu estado de espírito”

		R6 - Liberdade	“o surf dá-me liberdade, no mar não penso em mais nada, apenas tenho prazer”
		R7 – 5 estrelas	“surfear as melhores ondas possíveis apenas com amigos na água”
		R8 - Fascinante	“posso estar na água, conviver com os amigos e a disfrutar”

Reflexões Pessoais: Questões abertas que incentivam os participantes a partilhar histórias memoráveis, aprendizagens chave e avaliação qualitativa dos destinos.

Quando questionados para identificarem os destinos que mais gostaram e os destinos que menos gostaram, considerando o critério de a visita ter decorrido nos últimos dois anos em contexto profissional, resultou a seguinte tabela de respostas:

Destinos que mais gostaram	Respondentes
Cantábria (Espanha)	R1
Ericeira (Portugal)	R1, R3
México	R2, R5
Califórnia (EUA)	R2, R3, R6
Equador (Galápagos)	R4
Panamá	R4
Viana (Portugal)	R5, R7, R8
Faro (Portugal)	R5
Madeira (Portugal)	R7
Valdoviño (Espanha)	R8

É importante considerar que quando falámos de uma experiência esta pode ser definida como a soma de todos os eventos, atividades, emoções e interações que um viajante encontra desde o momento em que começa a planear a sua viagem até ao momento em que retorna a casa. A experiência turística abrange as interações sensoriais, emocionais e cognitivas que os viajantes têm com o seu destino, desde a antecipação pré-viagem até à recordação pós-viagem.

Analisando as perceções dos respondentes verificámos que os destinos que mais gostaram foram a Califórnia, Portugal com referência a Ericeira, Viana do Castelo, Faro e Madeira, Cantábria em Espanha, México, Equador e Panamá, considerando as viagens realizadas nos últimos dois anos em contexto profissional, como verificámos há uma pluralidade de respostas o que demonstra como a competição e os eventos desportivos permitem o

conhecimento de novos locais além dos destinos tradicionais de surf, como analisado na revisão bibliográfica, o surf evoluiu para um desporto sofisticado e altamente competitivo a nível global, hoje, o surf é praticado e celebrado em todo o mundo, e destinos de surf, como Califórnia, Austrália e Havaí, permanecem icónico, mas a partir dos anos 1970 e 1980, o surf expandiu-se para além dos seus centros tradicionais, com novos destinos emergindo como importantes locais de surf, como Portugal, Indonésia e Brasil, contribuindo para a diversificação da cultura do surf (Stranger, 2011).

As principais razões apresentadas foram as seguintes:

Principais razões	Respondentes
Clima	R1, R2, R4, R5, R7
Qualidade das ondas	R1, R2, R3, R4, R6, R7, R8
Cultura de Surf	R2, R3, R6, R8
Natureza & Sustentabilidade	R2, R3, R4, R6
Cultura local	R2, R4, R5, R6
Organização	R2, R3, R7
Acessibilidades	R5, R8

Como principais razões a qualidade das ondas foi a mais referida, seguida do clima, natureza e sustentabilidade, cultura local, cultura de surf, organização e acessibilidades. Conforme abordado no capítulo da evolução histórica e cultura de surf, o surf é “geralmente definido como o ato de surfar uma onda do mar em pé sobre uma prancha de surf e inclui amplamente outros aspetos do surf nas ondas, como andar de bruços em um 'bodyboard' ou simplesmente 'bodysurf' (usando apenas a superfície do corpo para planar a onda)". Martin e Assenov (2012), pelo que conforme evidenciado nas respostas do inquérito a qualidade da onda é a principal motivação na eleição de um destino favorito, nas origens do surf está a expressão "he'e nalu" (deslizar sobre as ondas), enraizadas na cultura polinésia, particularmente no Havaí.

A natureza e sustentabilidade, cultura local e cultura de surf, foram as motivações que se seguiram nas motivações de escolha de um destino de surf, conforme abordado na revisão bibliográfica nos capítulos da cultura do surf, turismo de surf e boas práticas em destinos

de turismo de surf, a prática de surf está intrinsecamente associada à natureza, a preocupação ambiental e de sustentabilidade ecológica e social fazem parte dos princípios e valores do desporto. O termo "surfista" transmite uma imagem particular e um conjunto de valores, incluindo o “amor” pela liberdade, natureza e aventura, e uma profunda ligação com o oceano e com a natureza. O surf é um desporto que personifica a fusão de saúde e natureza, possui uma história rica e diversa que se estende por séculos e continentes. Segundo Finney & Houston (1996), o surf “não era apenas um desporto, mas também um meio de manter a forma física e a harmonia espiritual com o oceano” (p.82),

Transcrevendo algumas respostas podemos verificar que vão de encontro com os temas estudados, “pela qualidade das ondas, pelo significado histórico e exotismos e biodiversidade que as ilhas proporcionam” (R4), “Clima, ondas, natureza e cultura local” (R2), “pela cultura do surf e pela diversidade de ondas” (R6). Estão identificados nas respostas sobre as motivações para a eleição de um destino de surf os princípios éticos base, conforme verificamos no capítulo da ética do surf. Para além do respeito pelo oceano, o respeito pelos outros também é um pilar do surf, nomeadamente, do que se considera como sendo a ética no surf, frequentemente referida como etiqueta no surf. No fundo, são as regras não escritas que orientam o comportamento dos surfistas na água. Estes princípios são essenciais para manter a segurança, o respeito e a harmonia entre os surfistas, além de preservar o ambiente onde se pratica o surf (Tomson, 2006). Seguir estas diretrizes ajuda a garantir uma experiência positiva para todos, sejam surfistas experientes ou iniciantes. “ambos pela cultura de surf que vivi, pela qualidade das ondas e pela organização das praias em termos de estruturas, serviços de apoio e, sobretudo na Ericeira pelo sentimento de conservação da natureza” (R3).

Os respondentes consideram a cultura local como fator de atração de um destino, mais concretamente pela preservação e envolvimento da mesma, o que proporciona uma experiência de enriquecimento e intercâmbio cultural, assim como da implementação de boas práticas sustentáveis, conforme apresentado no capítulo de boas práticas em destinos de turismo de surf. O turismo de surf deve proporcionar benefícios tangíveis às comunidades locais, incluindo oportunidades económicas, emprego e intercâmbio cultural, "O envolvimento das comunidades locais é vital para maximizar os benefícios sociais e económicos do turismo de surf e promover o desenvolvimento inclusivo e sustentável" (Moscardo, 2008, p.78).

Os fatores menos referenciados, mas presentes nas respostas foram a organização e acessibilidades das praias, “qualidade das ondas e acessibilidades da praia” (R5), “pelas acessibilidades que me permitiram surfar autonomamente” (R8), nomeadamente os respondentes praticantes de surf adaptado. O surf como desporto também evoluiu com a inclusão do surf adaptado, uma vertente do surf desenvolvida para indivíduos portadores de deficiência motora, incorporando princípios de inclusão e acessibilidade. Organizações como a Challenged Athletes Foundation (CAF), fundada em 1997, começaram a desempenhar um papel crucial ao fornecer recursos adaptados e oportunidades para os surfistas.

Em contrapartida nas respostas acerca dos destinos que menos gostaram as razões apresentadas foram a não verificação dos conteúdos supracitados.

Destinos que menos gostaram	Respondentes
Nigrán (Espanha)	R1, R7
Aveiro (Portugal)	R1, R4, R8
Lanzarote (Canárias)	R2
Furteventura (Canárias)	R3
Cantábria (Espanha)	R3
Molietes (França)	R5
Valdoviño (Espanha)	R6
Costa Rica	R7

As principais razões apresentadas foram as seguintes:

Principais razões	Respondentes
Clima e condições do mar	R1, R4, R5, R6
Massificação turística	R2, R3, R7
Falta de cultura de Surf	R4, R5, R8
Descaracterização da cultura local	R3, R4
Falta de organização	R2, R6, R7
Acessibilidades	R1, R6

Os destinos identificados como uma experiência negativa, foram Aveiro (Portugal), Nigrán e Valdoviño (Galiza, Espanha) e distintos locais das Ilhas Canárias, assim como Molietes (França) e Costa Rica, as principais razões verificadas, foram o clima e condições do mar, fator que pode ser influenciado momentaneamente, num contexto de más condições verificadas em determinado momento, mas sobretudo o que os respondentes afirmaram como principais razões para uma má experiência num destino de surf foram a massificação turística, falta de cultura de surf, falta de organização e acessibilidades e descaracterização da cultural local. “excesso de turismo, má qualidade das praias” (R2), “em Furteventura há uma descaracterização total da ilha, não conseguimos entender a identidade local” “Na Cantábria a massificação turística associada ao surf não permite usufruir das praias locais, temos de nos afastar de Ribamontón del Mar, cidade local para apreciar a região” (R3), “praias pouco organizadas e sem estruturas de apoio, com excesso de carga” (R7), fatores identificados nos capítulos da cultura de surf, experiência turística e boas práticas em destinos de turismo de surf. Na cultura contemporânea, o surf continua a ser um símbolo de liberdade, aventura e consciência ambiental, fomentando, inclusive, uma comunidade global dedicada à conservação dos oceanos e à sustentabilidade, em 2006, Ford & Brown afirmam que o surf oferece uma sensação única de liberdade e aventura que está profundamente interligada com a experiência do surfista no ambiente natural. É esta combinação de desafio físico, envolvimento com a natureza e a busca pela onda perfeita que cria uma sensação duradoura de liberdade e exploração. Assim como o envolvimento dos *stakeholders* locais no planeamento e na tomada de decisões garante que o desenvolvimento turístico esteja alinhado com as necessidades e valores da comunidade, “A sensibilidade cultural e o respeito pelas tradições e costumes locais são fundamentais para o sucesso e a sustentabilidade do turismo de surf.” (Martin, & Assenov, 2014, p.37).

“Elementos que influenciam a qualidade geral para o surf”

Quando questionados sobre os elementos que consideram mais relevantes num destino de surf numa perspetiva global, as respostas, agrupadas foram as seguintes:

Elementos mais relevantes	Respondentes
Qualidade das ondas e condições do mar	R1, R2, R3, R4, R6, R7, R8
Natureza & Sustentabilidade	R2, R3, R7
Cultura de surf	R3, R4, R7
Cultura local	R3, R4, R8
Segurança e infraestruturas	R4, R5, R6, R7
Localização e Acessibilidades	R1, R5, R8

No seguimento das respostas às principais motivações para uma experiência positiva a qualidade das ondas é o elemento considerado mais relevante num destino de surf, seguido da segurança e infraestruturas, importante em qualquer viagem, mas nomeadamente quando viajam para a participação de um eventos desportivo, os outros elementos referenciados foram a natureza & sustentabilidade, cultura de surf e cultura local, conforme a nota introdutória do capítulo da cultura de surf, podemos afirmar com base na respostas dos respondentes que os elementos base da cultura e ética do surf completam o que um destino de surf deve proporcionar.

A cultura do surf é um fenómeno rico e multifacetado que abrange não apenas o ato de surfar, mas também um estilo de vida distinto, um conjunto de valores, como a consciência ambiental, e práticas comunitárias, que evoluíram ao longo dos séculos, devido à influência de fatores geográficos, sociais e tecnológicos, “Prefiro um destino com menos pessoas em detrimento da qualidade das ondas, destinos com uma forte cultura de surf” (R2). O surf é um desporto de natureza, de descoberta de novas ondas, de novas culturas de novos destinos e desafios. Em 2002, Buckley diz-nos que a sustentabilidade do surf como desporto e cultura dependerá em grande parte da eficácia com que a comunidade do surf consegue enfrentar e adaptar-se aos desafios ambientais e sociais emergentes. “Gosto de surfar ondas diferentes, e de conhecer novas culturas, gastronomia, arquitetura, história...” (R3), “gastronomia, comunicação, vias de transporte, relação com a comunidade local” (R4).

Compreender a cultura do surf é essencial para explorar as variadas experiências dos surfistas e a natureza evolutiva deste desporto global.

Avaliação do impacto dos elementos identificados

Na questão 5, foi solicitado que especificassem de que forma os elementos identificados podem impactar a experiência num destino de surf. “É determinante para um surfista a qualidade das ondas e das praias” (R1). A cultura do surf é caracterizada pelo seu sentido único de identidade e comunidade. Os surfistas formam uma "tribo" global unida por uma paixão partilhada pelo oceano e pelas ondas. A “comunidade do surf” é marcada pela sua linguagem distinta, moda e características comuns. O termo "surfista" transmite uma imagem particular e um conjunto de valores, incluindo o “amor” pela liberdade, natureza e aventura, e uma profunda ligação com o oceano e com a natureza (Kampion, 2003). “quando identificamos os valores e princípios do surf num destino temos a base para uma experiência positiva” (R7). Outro elemento já referido anteriormente como razão negativa na classificação de um destino é a massificação e a gestão local, conforme referido no capítulo de boas práticas em destinos de turismo de surf. A monitorização contínua dos impactos ambientais e sociais permite uma gestão adaptativa e ajuda a abordar quaisquer efeitos negativos do turismo de surf, monitorizar e a avaliar continuamente são fundamentais para a gestão do turismo de surf, permitindo respostas proativas aos desafios ambientais e sociais (Müller, 2004), o que implica avaliações regulares, feedback de *stakeholders* e a implementação de planos de gestão, “A colaboração entre as partes interessadas, incluindo agências governamentais, comunidades locais e operadores de turismo de surf, é crucial para o desenvolvimento e implementação de práticas sustentáveis de turismo de surf.” (Ponting, McDonald, Wearing, 2005, p.122). “a saturação turística ao nível de estruturas implica uma má experiência” (R2), “sem boas acessibilidades não consigo chegar, logo não é um destino, como tenho limitações físicas é importante para mim surfar em praias vigiadas” (R8).

Assim como o envolvimento e preservação da identidade de um destino, uma vez mais exposto no capítulo de boas práticas de um destino de surf. O turismo de surf deve proporcionar benefícios tangíveis às comunidades locais, incluindo oportunidades económicas, emprego e intercâmbio cultural, "O envolvimento das comunidades locais é vital para maximizar os benefícios sociais e económicos do turismo de surf e promover o desenvolvimento inclusivo e sustentável" (Moscardo, 2008, p.78). Assim como o

envolvimento dos *stakeholders* locais no planeamento e na tomada de decisões garante que o desenvolvimento turístico esteja alinhado com as necessidades e valores da comunidade, “A sensibilidade cultural e o respeito pelas tradições e costumes locais são fundamentais para o sucesso e a sustentabilidade do turismo de surf.” (Martin, & Assenov, 2014, p.37). “quando viajo gosto de experimentar a gastronomia local, os rituais, a história e cultura dos locais” (R3).

Desafios futuros dos destinos de surf

Na questão 6 quando questionado aos respondentes para identificarem os desafios futuros enfrentados pelos destinos de surf, as respostas agrupadas foram as seguintes:

Desafios Futuros	Respondentes
Massificação	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8
Preservação ambiental	R3, R5, R6, R7
Localização e Acessibilidades	R6

A massificação dos destinos e consequente deterioração ambiental são unanimemente considerados por todos os respondentes como os desafios futuros enfrentados pelos destinos de surf. O surf tem como elemento base a natureza, sem a preservação natural dos destinos não se verifica uma experiência positiva. O surf contribuiu e contribui, ainda, para a promoção de uma profunda consciência ambiental entre os seus participantes, que reconhecem a necessidade de proteger os oceanos e as praias, pois que são vitais para o seu desporto. (Warshaw, 2004). A proteção dos ecossistemas costeiros e marinhos é essencial para manter a qualidade dos locais de surf e a beleza natural dos destinos. As boas práticas incluem a minimização da poluição, a prevenção da destruição de habitats e a promoção de esforços de conservação, a gestão ambiental sustentável é fundamental para preservar a integridade ecológica dos destinos de surf e garantir a longevidade das suas atrações naturais, (Zapata, 2017). “o excesso de turista é um fator muito negativo num destino, e que traz como consequência a degradação do ambiente e da natureza local”

(R3), “as questões ambientais e as alterações climáticas vão impactar os destinos seguramente...as condições de acesso às parais” (R6)

No capítulo de turismo de surf verificámos que à medida que o turismo de surf cresceu, aumentaram também as preocupações com os seus impactos ambientais e sociais. A chegada de surfistas a regiões costeiras remotas e frágeis muitas vezes levou a problemas como superlotação, destruição de habitats e perturbação cultural. Em resposta, o conceito de turismo de surf sustentável ganhou força. Organizações como a Surfrider Foundation e a Save The Waves Coalition começaram a defender práticas de viagem responsáveis que minimizam o impacto ambiental e apoiam as comunidades locais. A sustentabilidade é um desafio central para o turismo de surf. A necessidade de proteger os recursos naturais e as comunidades locais enquanto se acomoda a procura turística exige um equilíbrio delicado. Em 2010, Koot, diz-nos que a gestão sustentável é essencial para equilibrar a proteção dos recursos naturais e as necessidades económicas das comunidades locais em destinos de surf. Campos de surf, resorts e operadores turísticos ecológicos emergiram, enfatizando a sustentabilidade, conservação e envolvimento comunitário. A massificação “provoca um excesso de turistas, que traz desconforto tanto às populações locais como aos visitantes, interferindo negativamente com a comunidade local” (R4), “um destino sobrecarregado é um destino condenado, pode preencher todos os requisitos em termos desportivos como qualidade das ondas, clima agradável etc, mas a massificação afasta os turistas de surf” (R7) “com a massificação os preços e as condições interferem negativamente nas viagens” (R8)

“Sustentabilidade”, “Acessibilidade”, “Segurança”, “Infraestruturas”

Sustentabilidade, na questão 7 foi solicitada a perceção da evolução dos princípios base sustentabilidade (ambiental, cultural e comunidade) no posicionamento dos destinos de surf, todos os respondentes consideram que as questões relacionadas com a sustentabilidade são intrínsecas à cultura do surf e estão na ordem do dia na sociedade, nas agendas das políticas locais e nacionais, nos planos dos operadores e destinos turísticos. “Evoluíram muito e positivamente, além dos surfistas as autoridades começam a ter a consciência e prioridade nas questões ambientais” (R1), “já há mais consciencialização para os problemas do impacto do desenvolvimento turístico, a

valorização do património natural já é considerada uma prioridade pelas autoridades” (R2), “atualmente um destino que não promova a sustentabilidade está condenado” (R3), “alguns destinos ainda têm margem para desenvolver, mas as questões da sustentabilidade já estão nas agendas dos governos locais e regionais, não só por ser uma questão atual mas pela sua inevitabilidade” (R7), “penso que é uma preocupação intrínseca na cultura do surf e que já se generalizou na sociedade” (R8). Quando falamos de sustentabilidade no turismo falamos da preservação do equilíbrio entre o turismo, a natureza e a cultura e comunidade local, é importante lembrar os conteúdos abordados no capítulo de turismo desportivo. O turismo desportivo está intrinsecamente associado ao desenvolvimento económico, pois contribui significativamente para a economia local e nacional (Hritz and Franzidis 2018), gera receita através do gasto dos turistas em alojamento, alimentação, transporte e atividades. Os grandes eventos desportivos também atraem investimentos e melhoram a infraestrutura local, O turismo desportivo tem um impacto económico substancial, gerando receitas significativas e promovendo o desenvolvimento económico local (Gratton, Shibli, & Coleman, 2005), conforme referido anteriormente os eventos desportivos atraem um número significativo de turistas, tanto pela participação direta, os atletas, desportistas e respetiva equipa técnica como pela visualização, o turismo de espetador . Outro fator impactante do turismo desportivo é a promoção da interação social e coesão comunitária, atraindo e unindo pessoas de diferentes origens com um interesse comum, o desporto, colateralmente a realização de eventos desportivos em determinado território ou destino, promove e incentiva a prática de atividades físicas, melhorando a saúde e o bem-estar da população de uma forma natural, "Os benefícios sociais do turismo desportivo incluem a promoção da interação social, a coesão comunitária e a melhoria da saúde e bem-estar através da prática de atividades físicas" (Higham, 2005), e consequentemente fortalece a identidade cultural de uma região, pois o turismo desportivo pode também ser considerado como uma plataforma para promover a cultura local aos turistas e visitantes.

Quando nos referimos a turismo desportivo de surf, é importante salientar a cultura associada ao desporto, como referiu o respondente 4, “O surfista é um nómada por definição com uma relação próxima com a natureza, com o espírito de descoberta, com consciência de preservação ambiental”, a sustentabilidade implica a liberdade do desenvolvimento turístico do ponto de vista económico sem comprometer a essência dos destinos, a natureza, a sua identidade e comunidade local, “nos desportos de natureza a

preservação ambiental é fundamental, os destinos devem ter com prioridade a preservação da natureza, o envolvimento e respeito da sua identidade cultural e ambiental” (R5), “o surf representa a conexão com a natureza, sem natureza não há surf” (R6). Todos os respondentes apresentam uma percepção de encontro com a cultura e ética de surf, assim como das boas práticas sustentáveis no turismo de surf, essenciais para garantir que os benefícios económicos do turismo não venham à custa da degradação ambiental ou do bem-estar comunitário. Conforme apresentado nas boas práticas em destinos de turismo de surf, os exemplos de Raglan, Uluwatu, Jeffreys Bay, Nosara, Ericeira, Tofino e Byron Bay ilustram como os destinos podem equilibrar esses interesses por meio de gestão ambiental, envolvimento comunitário, práticas empresariais sustentáveis, educação e monitorização contínua. Esses princípios e práticas podem servir como modelos para outros destinos de turismo de surf que procuram alcançar um desenvolvimento sustentável, “O turismo de surf sustentável deve integrar dimensões ambientais, sociais e económicas para garantir a viabilidade a longo prazo dos destinos de surf.” (Martin & Assenov, 2012).

Acessibilidade e segurança, no seguimento das percepções sobre as questões da sustentabilidade o entrevistador introduziu o tema da acessibilidade, de particular importância para os respondentes atletas de surf adaptado, à pergunta A acessibilidade é outro aspeto importante nos destinos de surf? Todos os respondentes afirmaram que sim, sendo que o R5 e o R7 responderam “é fundamental” e “é fundamental para o futuro” respetivamente, quanto à organização que esta deve apresentar as respostas foram as seguintes: ““deve permitir o acesso a todos, em particular a pessoas com deficiência e meios médicos de auxílio” (R1), “a acessibilidade é um conjunto de situação, é necessário adaptar os locais a pessoas com necessidades especiais, mesmo que implique um decréscimo económico na exploração dos destinos, é necessária formação, informação e disseminação dos projetos de surf adaptado.” (R2), , “as praias devem ter os acessos suficientes e organizados de forma a que todos possam usufruir de um destino sem comprometer a massificação do mesmo” (R3), “tem de ser muito bem pensada e com uma estratégia consertada com outras dinâmicas, para permitir a inclusão e ao mesmo tempo tem de haver mecanismo que não promovam a massificação...só facilidade no acesso pode ser prejudicial” (R4), “Os destinos e as autoridades devem regular a acessibilidade para permitir a inclusão, a assistência médica, sem massificar os locais e sem prejudicar o quotidiano da população local, não é tanto uma questão de investimento, mas de

organização” (R5), “é difícil dar resposta a todas as pessoas, no entanto é possível definir requisitos mínimos estruturais nos destinos que permitam o acesso a pessoas com deficiência ou pessoas maiores/sénior que também são um segmento da população pouco considerado, e estas questões são extensíveis não só à mobilidade no transporte, mas também nas estruturas das praias” (R6), “a sociedade evoluiu, a inclusão é um tema fundamental no mundo atual, deixou de ser um estigma ou um tabu, os destinos tem de se adaptar” (R7), “há locais que devido à estrutura geográfica é mais difícil permitir a acessibilidade de todos, no entanto de uma forma geral as praias de vem ser organizadas de forma a permitir o acesso de todas as pessoas, falo particularmente de pessoas portadoras de deficiência” (R8), verificamos que há uma preocupação concreta com a organização da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência, assim como da população sénior e dos técnicos de auxílio médico e vigilância, no entanto esta deve ser direcionada para os grupos populacionais referidos.

No seguimento do tópico da sustentabilidade e acessibilidade foi colocada a questão sobre as questões de segurança e higiene, que um destino deve apresentar para uma experiência de qualidade, todos os respondentes consideram fundamental a segurança, gestão de resíduos, apoio médico e infraestruturas base sanitária.

Elementos de segurança e higiene	Respondentes
Gestão de resíduos	R1, R2, R5, R6, R7, R8
Vigilância marítima e pública	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8
Apoio médico ou diferenciado	R1, R2, R3, R4, R5, R6, R7, R8
Outros serviços	R3, R5, R6, R7, R8

Todos os respondentes identificam a vigilância marítima e pública, e a existência de apoio médico ou apoio diferenciado como elementos base que devem estar presentes para uma experiência positiva num destino de surf.

Para além dos benefícios económicos, o turismo também promove a interculturalidade e o entendimento global, permitindo que os viajantes experimentem diferentes culturas e modos de vida, Richards, (2001). No entanto, o turismo pode ter efeitos negativos, como a sobrecarga de recursos locais, a degradação ambiental e o impacto cultural adverso em comunidades anfitriãs, Gössling (2002).

“Inovação e tecnologia”

A inovação e tecnologia alteraram o cenário do turismo de surf, como estudado no capítulo dos eventos desportivos e turismo de. Surf, na era contemporânea, as plataformas digitais e as redes sociais transformaram ainda mais a cultura do surf. Os surfistas agora partilham as suas experiências e comunicam com um público global através de vídeos, fotos e redes sociais. Estes novos canais de comunicação democratizaram o acesso à cultura do surf, permitindo que uma audiência mais ampla e mais interativa o que contribuiu para o seu desenvolvimento. A produção de conteúdo multimédia, como vídeos de surf, blogs e transmissões ao vivo de eventos de surf, deram a conhecer novos destinos e alargaram os espectadores, criando motivações extra para as viagens de surf. Em 2015, a ASP (Association of Surfing Professionals) foi rebatizada como World Surf League (WSL), profissionalizando ainda mais o desporto e expandindo o seu alcance global. A WSL introduziu inovações como transmissões ao vivo dos eventos pela internet, aumentando o envolvimento dos fãs em todo o mundo. Segundo a CEO da WSL, Sophie Goldschmidt, a WSL trouxe o surf para um público mais amplo, criando uma plataforma global para os melhores surfistas do mundo (2017).

Inovação e tecnologia e a influência na experiência de surf	Respondentes
Aplicações de previsão de ondas	R1, R3, R4, R5, R7, R8
Vídeo análise e produção de conteúdos	R2, R4, R6, R7, R8
Transmissão online de eventos desportivos	R3, R4, R5, R6, R8
Novos materiais	R4, R5, R6, R7
Redes Sociais	R3, R7

“podemos através do conforto da nossa casa verificar as condições das ondas e do tempo, foi uma mudança muito grande na realidade do surf” (R1), “com base nas aplicações das previsões podemos tomar decisões sobre qual o melhor momento para surfar, inclusive organizar toda uma viagem antecipadamente” “a transmissão online de eventos permitiu dar a conhecer novos destinos até então anónimos” (R3), “no que diz respeito à atividade de surf já é suficiente o nível tecnológico que atingimos, na minha opinião não é preciso inovar mais, à exceção dos materiais mais sustentáveis.” (R4), “o facto de poder visualizar um a competição a partir de casa permite-me acompanhar o desporto com mais frequência e desenvolver as minhas capacidades desportivas através da análise de vídeo” “o

desenvolvimento de novos equipamentos mais sustentáveis” “as redes sociais permitem interagir com a comunidade surfista” (R6) . Todos os respondentes consideraram que a inovação ao nível do equipamento e a tecnologia utilizada nas aplicações de previsões meteorológicas, produção de conteúdos digitais e transmissão ao vivo de eventos desportivos revolucionaram a cultura de surf , “A gestão eficaz do turismo de surf pode melhorar o bem-estar social e económico das comunidades locais, preservando ao mesmo tempo o património cultural.” (Ponting & O’Brien, 2014, p.18). Olhando para o futuro, e face aos conteúdos apresentado nos capítulos anteriores de diversos autores, o turismo de surf será provavelmente moldado por várias tendências-chave (Ponting & O’Brien, 2014), **Inovação Tecnológica:** Avanços na previsão de ondas, plataformas de reserva de viagens e piscinas de ondas artificiais continuarão a melhorar a experiência de viagens de surf. “a maior inovação foi a transmissão online das competições que permitiram dar a conhecer novos destinos” “as redes sociais permitem obter informação sobre os destinos como qual a melhor época do ano para viajar, documentação a levar, protocolos a respeitar nos diferentes países, etc” (R7), “ao gravarmos os nossos treinos e performances permite-nos analisar os erros e melhorar a nossa técnica” “as previsões permitem-nos organizar as nossas sessões com mais eficiência” (R8).

"Recomendações"

No final da primeira parte da entrevista os respondentes foram questionados sobre as recomendações, com base nas suas experiências, que indicariam para os destinos de surf melhorarem as suas práticas, as respostas, agrupadas, foram as seguintes:

Respondente	Recomendações
R1 – Infraestruturas, informação, logística	“investir em infraestruturas de qualidade e adequadas...informações nos destinos, melhorar os transportes nas praias” “formação dos recursos humanos para melhorar a experiência no local”
R2 – Regulamentação e monitorização nas praias ao nível dos operadores	“garantir segurança e qualidade para os turistas, envolvendo todas as entidades competentes, por forma a garantir o bom funcionamento das praias...cooperação entre as entidades”
R3 – Organização, regulação e monitorização	“a massificação e desorganização dos destinos implicam uma experiência negativa”
R4 – Regulamentação e preservação da cultura do surf	“é controverso, e deve ser analisado especificamente a cada destino, mas a vigilância e os cuidados médicos. Os operadores devem disponibilizar a manutenção dos equipamentos, a prevenção de acidentes e a disseminação da cultura e ética do surf”
R5 – Estruturas e logística dos destinos	“para mim as acessibilidades das parias são o ponto que mais se pode melhorar”
R6 – Adaptação à cultura e consistência do surf	“devem recolher informação dos desportistas para se adaptarem às necessidades e cultura do surf” “informar e sensibilizar os operadores” “cuidar do meio ambiente local”

R7 – A segurança e vigilância nas praias. A formação e monitorização.	“a formação específica sobre segurança marítima” “o policiamento dos operadores para garantir a qualidade dos serviços associados ao surf” “formar a população local para o bom desenvolvimento turístico, potenciando os negócios locais”
R8 – Organização, serviços de apoio, segurança	“criar oportunidades para os surfistas e as suas famílias” “os destinos devem ser seguros para serem mais atrativos”

"Reflexões pessoais"

O entrevistador introduziu a segunda parte da entrevista em que introduziu a alteração do contexto de viagem, sendo solicitado que as respostas sejam refletidas a nível pessoal e não profissional.

Questionados se alterariam a perceção das respostas anteriores no novo contexto e porquê.

Respondente	Reflexão
R1 – Sim	“como surfista a qualidade das ondas é muito importante, como turista tenho mais tolerância”
R2 – Não	“poderão ser implementadas algumas restrições no acesso às praias, nomeadamente em locais com património ambiental, o que profissionalmente não seria favorável”
R3 – Não	“nas viagens que faço, seja profissionalmente ou pessoalmente, levo sempre o espírito do surf, de descoberta e partilha das ondas”
R4 – Não	“nas minhas viagens profissionais ou em lazer o espírito do surf está sempre presente, a essência do desporto em conexão com a natureza”

R5 - Sim	“a cultura local, a gastronomia, o contacto com a comunidade local é mais importante para mim quando viajo em lazer do que em competição, o foco na competição é demasiado intenso para permitir conhecer melhor a cultura local.
R6 - Não	para mim é muito claro, vivo com muita intensidade as viagens de surf”
R7 - Não	“talvez posso acrescentar que da perceção das várias viagens, numa viagem pessoal a segurança e a higiene influenciariam a escolha do destino a visitar”
R8 – Não	“para mim é difícil separar a parte pessoal da profissional, o surf é prioritário, é a principal motivação na escolha de um destino”

Outra questão colocada na segunda parte da entrevista foi se destacariam algum destino em particular, pela positiva e pela negativa e qual a justificação.

Destinos destacados pela positiva	Respondentes	Argumento
Nicarágua	R1, R7	“pela natureza e pela comunidade” (R1) “pela vista pessoal recente, onde encontrei excelentes ondas, clima e natureza” (R7)
México	R2, R5	“pelo climas, ondas, cultura local e envolvimento natural” (R2) “a comida e a cultura local proporcionaram uma excelente experiência” (R5)
Mentawai	R3	“pela natureza, pelas ondas, pela beleza natural e como são ilhas pequenas pela preservação da cultura local”
Hawai	R4	“é a meca do surf, historicamente, a qualidade das ondas o clima, a natureza”
Canárias	R6	“as parias nas ilhas Canárias estão totalmente adaptadas, com apoio total ao nível da vigilância e assistência médica”
Portugal	R8	“pela diversidade e oferta de ondas para surfar, e pela segurança”

Destinos destacados pela negativa	Respondentes	Argumento
Chile	R1	“pelo clima frio”
Tenerife (Canárias)	R2	“ <i>handicap</i> ’s e pelo excesso de turismo”
Cantábria	R3	“pela massificação, parece um shopping de surf”
Hawai	R4	“do ponto de vista negativo a massificação do destino torna difícil a prática do surf.
Nigrán	R6	“as praias não estão preparadas para o surf adaptado”
Biarritz	R7	“Apesar da qualidade das ondas, infraestruturas de praia e cultura de surf a massificação do turismo de surf não proporciona uma experiência positiva”
Marrocos	R8	“pela falta de cultura de surf e pela insegurança”

Na última pergunta do inquérito os respondentes foram questionados para definir o significado pessoal de uma experiência de surf e a respetiva classificação adjetiva.

Classificação	Significado
R1 – Paradisíaca	“é conhecer novas ondas, novas culturas, novos destinos, descobrir novos destinos, partilhar momentos”
R2 – São poucas	“ter ondas com qualidade, num ambiente natural, com amigos e bom tempo”
R3 - Fantástica	“surfear boas ondas, em boa companhia, apreciar a natureza, descobrir e apreciar novas culturas”

R4 – É um deslumbre	“sempre que vou para um destino de surf vou à procura as ondas, e toda a sua envolvência...é das coisas que eu mais gosto de fazer”
R5 - 10 em 10	“muda completamente as minhas escolhas de viagem, viajo para surfar o que elimina automaticamente destinos sem ondas, surfar num novo destino muda completamente a minha mente e o meu estado de espírito”
R6 - Liberdade	“o surf dá-me liberdade, no mar não penso em mais nada, apenas tenho prazer”
R7 – 5 estrelas	“surf as melhores ondas possíveis apenas com amigos na água”
R8 - Fascinante	“posso estar na água, conviver com os amigos e a disfrutar”

Conclusão

Este estudo também traz importantes contribuições gerenciais. Considerando a relevância atribuída à cultura do surf, os destinos de surf devem ser promovidos com base nas características da sua cultura do surf, tendo sempre presente a sensação de liberdade, a emoção de aproveitar a vida, a presença de pessoas que realizam atividades relacionadas com o surf e o respeito por alguns aspetos do surf – spots de surf e surfistas. Neste contexto, é importante promover a singularidade da cultura do surf local, fomentando o desenvolvimento de uma vantagem competitiva, simultaneamente diferenciadora e difícil de imitar. Outra questão importante é respeitar e salvaguardar a autenticidade sociocultural da comunidade surfista local, incluindo os vários elementos simbólicos do surf. Algumas políticas podem ser relevantes neste âmbito, como ações que aumentem a sensibilização dos residentes dos destinos de surf para a relevância de respeitar e promover esta cultura. Também poderão ser criados códigos de conduta para familiarizar os visitantes e as comunidades locais com aspetos importantes para o respeito e preservação da cultura do surf.

A imagem do destino turístico é considerada a soma de impressões, sentimentos e ideias que um indivíduo tem em relação a um destino específico (Lee, Lee, & Lee, 2014; Pike & Kotsi, 2018; Styliadis, Shani, & Belhassen, 2017). Segundo Chen e Tsai (2007), a imagem global de um destino pode ser influenciada tanto pela imagem cognitiva (o que o visitante pensa e sabe), pela imagem afetiva (como ele se sente em relação a isso) e pela imagem comportamental (como ele age de acordo com as informações que obtém). No que diz respeito à imagem cognitiva, esta pode estar relacionada tanto com os aspetos tangíveis/funcionais do destino (paisagem, atrações culturais) quanto com os seus aspetos psicológicos/abstratos (hospitalidade, atmosfera) (Lin, Morais, Kerstetter, & Hou, 2007). A imagem cognitiva, correspondente à perceção sobre os atributos do destino, é, portanto, responsável pela atratividade dos destinos (Zhang, Fu, Cai, & Lu, 2014).

Conforme verificado os fatores como a qualidade da onda, localização geográfica e envolvimento natural são importantes numa experiência positiva de surf, no entanto estes não são controláveis, isto é, são intrínsecos a um determinado destino no entanto verifica-se que as questões relacionadas com a segurança, vigilância, gestão de carga, acessibilidades e políticas direcionadas para a sustentabilidade posicionam um destino e tornam a experiência de surf diferenciada, “Os gestores de destinos têm a tarefa de

identificar segmentos de mercado com potencial de crescimento, bem como planejar, monitorizar e avaliar os resultados dos esforços de desenvolvimento do turismo” (Hritz e Franzidis, 2018).

Ao utilizar percepções orientadas por especialistas, as recomendações para o desenvolvimento do turismo de surf podem ser alinhadas mais precisamente com as necessidades e desejos reais do público-alvo. Esta abordagem garante que as experiências sugeridas não sejam apenas viáveis, mas também repercutam a nível pessoal com potenciais turistas de surf, aumentando assim a satisfação e a repetição de visitas.

Limitações

O estudo e suas descobertas são limitados por uma série de fatores. As descobertas discutidas aqui foram baseadas apenas nos indivíduos pesquisados. Quanto à geografia do estudo, este está confinado a atletas e técnicos profissionais e as entrevistas foram maioritariamente realizadas durante eventos desportivos, assim, sugere-se replicar este estudo noutros contextos de prática de surf, para confirmar se os resultados obtidos são semelhantes. Em estudos futuros seria também importante analisar potenciais determinantes da imagem dos destinos de surf em termos de cultura, incluindo fatores no modelo de investigação que possam ter impacto no desenvolvimento de percepções sobre a cultura do surf, como a interação com surfistas ou com a população local. comunidade.

Segundo Ponting (2008), o uso das palavras ‘turismo de surf’ pode incluir tanto surfistas como espectadores não surfistas que são atraídos pela ação proporcionada pelos surfistas na água ou pela estética visual do ambiente de surf. Seria interessante alargar o inquérito aos espetadores para verificar a coerência das percepções apresentadas.

Referências Bibliográficas

- Barriball, K. L., & While, A. (2004). Collecting Data using a Semi-Structured Interview: A Discussion Paper. *Journal of Advanced Nursing*, 19(2), 328-335.
- Blair, J. (2004). Southern California Surf Music, 1960-1966. University of Hawaii Press.
- Booth, D. (2015). Surfing: The Cultural and Technological Nexus. *Journal of Sport History*.
- Booth, D. (2020). The Olympic Games and Surfing: A New Wave. *Journal of Global Sport Management*.
- Buhalis, D., & Law, R. (2008). Progress in Information Technology and Tourism Management: 20 Years on and 10 Years after the Internet—The State of eTourism Research. *Tourism Management*, 29(4), 609-623. doi: 10.1016/j.tourman.2008.01.005
- Butler, R. W. (1999). Sustainable Tourism: A State-of-the-Art Review. *Tourism Geographies*, 1(1), 7-25. doi:10.1080/14616689908721291
- Buhalis, D., & Amaranggana, A. (2015). Smart Tourism Destinations Enhancing Tourism Experience Through Personalisation of Services. In *Information and Communication Technologies in Tourism 2015* (pp. 377-389)
- Barriball, K. L., & While, A. (1994). Collecting Data using a Semi-Structured Interview: A Discussion Paper. *Journal of Advanced Nursing*, 19(2), 328-335.
- Bryman, A. (2016). *Social Research Methods* (5^a ed.). Oxford University Press.
- Byrd, E. (2007) Stakeholders in sustainable tourism development and their roles: applying stakeholder theory to sustainable tourism development.
- Bornstein, M. H., Jager, J., & Putnick, D. L. (2013). Sampling in Developmental Science: Situations, Shortcomings, Solutions, and Standards. *Developmental Review*, 33(4), 357-370.
- Bornstein, M. H., Jager, J., & Putnick, D. L. (2013). Sampling in developmental science: Situations, shortcomings, solutions, and standards. *Developmental Review*, 33(4), 357-370.
- Barriball, K. L., & While, A. (2004). Collecting Data using a Semi-Structured Interview: A Discussion Paper. *Journal of Advanced Nursing*, 19(2), 328-335.
- Buckley, R. (2010). Adventure Tourism Management. Routledge.

Bicudo, P. and Horta, A., (2009). Integrating Surfing in the Socio-economic and Morphology and Coastal Dynamic Impacts of the Environmental Evaluation of Coastal Projects. Journal of Coastal Research, SI 56 (Proceedings of the 10th International Coastal Symposium). Lisbon, Portugal, ISBN

Capretti, S. (2011). The culture at play. Sport in modern and post-modern society

COI (Comité Olímpico Internacional). (2020). Os Jogos Olímpicos.

Challenged Athletes Foundation. "About Us." Challenged Athletes Foundation, 2021. <https://www.challengedathletes.org/>

Cowie, A. M., Bredin, S. S., & Warburton, D. E. (2012). *"Physical and perceptual benefits of surfing for individuals with disabilities: A systematic review."* Disability and Rehabilitation, 34(10), 741-748.

Cooper, C., Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2008). *Tourism: Principles and practice* (4th ed.). Pearson Education.

Connell, J. (2006). Medical Tourism: Sea, Sun, Sand and... Surgery. *Tourism Management*, 27(6), 1093-1100. doi: 10.1016/j.tourman.2005.11.005

Chon, K. S. (1990). The Role of Expectations in Tourist Satisfaction. *Tourism Management*, 11(2), 132-140.

Cohen, D., & Crabtree, B. (2006). Qualitative Research Guidelines Project. Retrieved from <http://www.qualres.org/HomeSemi-3629.html>

Cohen, D., & Crabtree, B. (2006). Qualitative Research Guidelines Project. Retrieved from <http://www.qualres.org/HomeSemi-3629.html>

Daws, G. (1974). *Shoal of Time: A History of the Hawaiian Islands*. University of Hawaii Press.

Davis, M. (2014). *Waterman: The Life and Times of Duke Kahanamoku*. University of Nebraska Press.

DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314-321.

Etikan, I., Musa, S. A., & Alkassim, R. S. (2016). Comparison of convenience sampling and purposive sampling. *American Journal of Theoretical and Applied Statistics*, 5(1), 1-4.

Finney, B., & Houston, J. (1966). *Surfing: A History of the Ancient Hawaiian Sport*. Pomegranate Artbooks.

Ford, N. & Brown, D. (2006). *Surfing and Social Theory: Experience, Embodiment and Narrative of the Dream Glide*. Routledge.

Guttman, A. (2004). *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*. Columbia University Press.

Goldschmidt, S. (2017). *World Surf League Annual Report*.

Gössling, S. (2002). Global Environmental Consequences of Tourism. *Global Environmental Change*, 12(4), 283-302. doi:10.1016/S0959-3780(02)00044-4

Gibson, H. (1998). Sport Tourism: A Critical Analysis of Research. *Sport Management Review*, 1(1), 45-76.

Getz, D. (2008). Event Tourism: Definition, Evolution, and Research. *Tourism Management*, 29(3), 403-428.

Gibson, H. (2006). *Sport Tourism: Concepts and Theories*. Routledge.

Gratton, C., Shibli, S., & Coleman, R. (2005). Sport and Economic Regeneration in Cities. *Urban Studies*, 42(5-6), 985-999.

Gill, P., Stewart, K., Treasure, E., & Chadwick, B. (2008). Methods of data collection in qualitative research: Interviews and focus groups. *British Dental Journal*, 204, 291-295.

Hritz, N., Franzidis, A. (2018). Exploring the economic significance of the surf tourism market by experience level <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2016.09.009>

Higham, J. (2005). *Sport Tourism Destinations: Issues, Opportunities and Analysis*. Elsevier Butterworth-Heinemann.

Hinch, T., Ramshaw, G. (2014). *Heritage sport tourism in Canada*
Pages 237-251 | Received 11 Apr 2012, Accepted 02 Nov 2012, Published online: 27 Jan 2014.
<https://doi.org/10.1080/14616688.2013.823234>

Higham, J. (2018). *Sport Tourism Development*. Channel View Publications.

Higham, J., & Hinch, T. (2009). *Sport and Tourism: Globalization, Mobility, and Identity*. Routledge.

Instituto Português do Desporto e da Juventude: www.ipdj.gov.pt

International Surfing Association. "History of the ISA World Para Surfing Championship." International Surfing Association, 2020. <https://www.isasurf.org/>

Jager, J., Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2017). More than just convenient: The scientific merits of homogeneous convenience samples.

Jager, J., Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2017). More than Just Convenient: The Scientific Merits of Homogeneous Convenience Samples. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 82(2), 13-30.

Kvale, S. (1996). *Interviews: An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. Sage.

Kampion, D. (2003). *Stoked: A History of Surf Culture*. Gibbs Smith.

Kampion, Drew. "The Book of Waves: Form and Beauty on the Ocean." Chronicle Books, 1989.

Koot, P. (2010). Sustainable Surfing in Tofino, British Columbia. In P. Burns, C. Palmer, & J. Lester (Eds.), *Tourism and Visual Culture: Methods and Cases*. CAB International.

Longhurst, R. (2016). *Semi-structured Interviews and Focus Groups*. In N. Clifford, M. Cope, T. Gillespie, & S. French (Eds.), *Key Methods in Geography* (3^a ed., pp. 143-156). Sage.

Larsen, S. (2007). Aspects of a Psychology of the Tourist Experience. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 7(1), 7-18.

Martin, S. A., & Assenov, I. (2012). The Genesis of a new body of sport tourism literature: a systematic review of surf tourism research (1997-2011), *Journal of Sport & Tourism*, 17:4, 257-287

Marshall, M. N. (1996). Sampling for Qualitative Research. *Family Practice*, 13(6), 522-526.

Maoz, D. (2006). The Mutual Gaze. *Annals of Tourism Research*, 33(1), 221-239.

Moscardo, G. (2008). *Building Community Capacity for Tourism Development*. CABI Publishing.

Ponting, J. (2008). Exploring cultural exchange and the search for new surf destinations. *Journal of Surf Tourism*, 12(4), 56-72.

- Ponting, J. (2008). *The cultural and visual allure of surf tourism*. *Journal of Surfing Studies*, 10(2), 45-62.
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1999). *The Experience Economy: Work Is Theatre & Every Business a Stage*. Harvard Business Press.
- Pender, L., & Sharpley, R. (Eds.). (2005). *The Management of Tourism*. Sage Publications.
- Pigeassou C, Bui-Xuan G, Gleyse J (2003). Epistemological Issues on Sport Tourism: Challenge for a New Scientific Field. *Journal of Sport Tourism*.
- Román, J., et al. (2022). Surf tourism and its impact on coastal well-being: A review. *Journal of Coastal Recreation*, 15(3), 123-134
- Ruttenberg, T. (2022). Alternatives to Development in Surfing Tourism: A Diverse Economies Approach doi.org/10.1080/21568316.2022.2077420
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (2012). *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data* (3^a ed.). Sage.
- Richards, G. (2001). *Cultural Attractions and European Tourism*. CABI Publishing.
- Ritchie, B., & Adair, D. (2004). *Sport Tourism: Interrelationships, Impacts and Issues*. Channel View Publications.
- Standeven J, De Knop P (1998). *Sport Tourism*. Champaign (USA): Human Kinetics.
- Stranger, M. (2011). *Surfing Life: Surface, Substructure and the Commodification of the Sublime*. Ashgate Publishing
- Slater, K. (2000). *Pipe Dreams: A Surfer's Journey*. Harper Collins.
- Soria, Jessica. "Adaptive Surfing and its Role in Empowering People with Disabilities." *Disability Studies Quarterly*, vol. 40, no. 3, 2020, pp. 12-20.
- Sedgwick, P. (2013). Convenience Sampling. *BMJ*, 347, f6304.
- Tanguay, G. A., Rajaonson, J., & Therrien, M. C. (2013). Sustainable tourism indicators: selection criteria for policy implementation and scientific recognition. Pages 862-879 | Received 30 Sep 2011, Accepted 10 Oct 2012, Published online: 22 Nov 2012 <https://doi.org/10.1080/09669582.2012.742531>
- Tomson, S. (2009). *Surfer's Code: 12 Simple Lessons for Riding through Life*. Gibbs Smith.

Tung, V. W. S., & Ritchie, J. R. B. (2011). Exploring the Essence of Memorable Tourism Experiences. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1367-1386.

UNWTO (Organização Mundial do Turismo). (2020). *Tourism Highlights*.

Urry, J. (1990). *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Societies*. Sage Publications

Walker, I. C. (2011). *Waves of Resistance: Surfing and History in Twentieth Century Hawai'i*. University of Hawaii Press.

Warshaw, M. (2010). *The History of Surfing*. Chronicle Books.

Warshaw, Matt. (2005) "The Encyclopedia of Surfing." Houghton Mifflin Harcourt, 2005.

Walker, R. (2020). *The Machine in the Wave: A Design History of the Surfboard*. University of California Press.

Weaver, D. (2006). *Sustainable Tourism: Theory and Practice*. Elsevier.

Young, D. C. (1984). *The Olympic Games: The First Thousand Years*. University of California Press.

Young, Nat. (2008) "The Complete History of Surfing: From Water to Snow." Gibbs Smith, 2008.

Zapata, M. (2017). *Surfing and Sustainability: How the Surfing Industry and Culture Impact the Environment*. Routledge.\